

Design e música: um projeto
de catálogo sobre a história
da música por meio das
guitarras.

Láisa Kethely Xavier Morais

Uberlândia - MG
2025

Projeto em formato independente e sem fins mercadológicos, desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Design da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Autora orientanda: Láisa Kethely Xavier Morais
Professora orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Alcântara

Agradecimento

A guitarra e a música sempre foram uma paixão para mim, e sou imensamente grata por poder trabalhar com isso nesse trabalho e relacionar com a minha outra paixão: o design.

Quero agradecer primeiramente aos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram a seguir meus objetivos, e por continuarem firmes mesmo nos dias difíceis e sob o sol quente. Dedico a eles todas as minhas conquistas. À minha irmã Luana, companheira de toda a infância, por dividir comigo aprendizados e descobertas. À minha irmã Letícia, por me fazer rir e estar ao meu lado sempre que precisei.

Aos colegas de sala e aos amigos que compartilharam comigo noites animadas de resenhas e também noites cansativas de estudo. Esses momentos sempre estarão guardados no meu coração. Ao meu namorado e melhor amigo, que o curso me presenteou, por estar ao meu lado durante toda essa jornada.

Agradeço à minha querida orientadora Cris, por todo apoio e dedicação no desenvolvimento deste trabalho. Sem ela, este projeto não teria tomado a forma que tomou. E, por fim, a todos os professores que fizeram parte dessa caminhada acadêmica, influenciando e construindo cada pedaço dela comigo.

Antes de ler sobre a pesquisa, confira os materiais a baixo : a versão digital do catálogo e o vídeo de apresentação.



Sumário

1. Problema projetual

- 1.1. A guitarra como linguagem
- 1.2. O design da informação e seu papel junto a um projeto editorial.
- 1.3. Uma breve descrição do projeto de design editorial

2. Conteúdo: curadoria das guitarras elétricas

- 2.1 Critérios curatoriais e fundamentos teóricos
- 2.2 Organização curatorial: décadas, estilos e contextos culturais
 - 2.2.1 O Blues e os primórdios da guitarra elétrica
 - 2.2.2 Os anos 1960: Psicodelia e contracultura.
 - 2.2.3 Anos 1970: Grandiosidade, peso e presença de palco
 - 2.2.4 Anos 1980: Estética do metal e visual performático
 - 2.2.5 Anos 1990: Estética introspectiva e retomada de modelos clássicos

3. Análise de similares

- 3.1 Basemente - Everything Boxset
 - 3.1.1 Tipografia
 - 3.1.2 Grid e diagramação
 - 3.1.3. Composição visual, paleta e imagem
- 3.2 Zine Punk
 - 3.2.1 Tipografia
 - 3.2.2 Grid e diagramação
 - 3.2.3. Composição visual, paleta e imagem
- 3.3 Revista Black Feather
 - 3.3.1 Tipografia
 - 3.3.2 Grid e diagramação
 - 3.3.3. Composição visual, paleta e imagem

4. Público-alvo

5. Moodboard

6. Criatividade

- 6.1 Conceito
- 6.2 Briefing e conteúdo
- 6.3 Escolhas editoriais
 - 6.3.1 Tipografia
 - 6.3.2 Composição e formato
 - 6.3.3 Cores
 - 6.3.4 Imagens e tratamento
 - 6.3.5 Conteúdo textual
 - 6.3.6 Conteúdos pré-textuais e capa
 - 6.3.7 Teste de impressão

7. Conclusão

8. Catálogo finalizado

9. Referência

1. Problema projetual

1.1. A guitarra como linguagem

Além de um instrumento musical, a guitarra elétrica é um símbolo visual, estético e cultural. Desde a sua popularização a partir da década de 1950, tornou-se elemento central na construção de identidades musicais e visuais, acompanhando, e muitas vezes guiando, movimentos culturais inteiros. Como destaca Tony Bacon (2000, p. 7), “algumas guitarras ultrapassaram o papel de instrumento musical e se tornaram ícones culturais. Seus formatos, cores e assinaturas visuais refletem estilos, atitudes e até ideologias de suas épocas”. Esse caráter simbólico, e sua capacidade de comunicar visualmente algo maior que o objeto físico, faz com que seu design se torne um objeto relevante para o campo do design gráfico e da informação. Este trabalho parte desse olhar para investigar a relação entre o design das guitarras elétricas e os contextos musicais e culturais em que estiveram inseridas, propondo um catálogo editorial que traduza essas conexões de forma informativa e acessível.

A escolha do tema se justifica pela importância que a guitarra elétrica assumiu como forma de expressão visual na cultura popular. Muito além da sua função técnica ou sonora, a forma da guitarra passou a expressar identidades estéticas e ideológicas. Guitarras como a Stratocaster da Fender, a Les Paul da Gibson ou a Frankenstrat de Eddie Van Halen são reconhecíveis não apenas pelo som, mas por seus contornos, cores, acabamentos e pela ligação direta com os movimentos musicais aos quais estão associadas, como o rock psicodélico, o hard rock ou o blues elétrico. Investigar essas relações é também refletir sobre como o design comunica, interpreta e traduz signos culturais.

Nesse sentido, este projeto também considera a importância de tornar esse conhecimento mais acessível. Muito do material existente sobre guitarras elétricas, especialmente os que abordam sua história visual e simbólica, está disponível apenas em inglês e em formatos técnicos ou pouco atrativos. Busca-se, por tanto, não apenas organizar essas informações, mas também traduzi-las visualmente, aproximando o conteúdo de públicos diversos e contribuindo para a democratização de um conhecimento que, apesar de popular no imaginário coletivo, ainda circula em formatos muito restritos.

Diante disso, define-se o seguinte problema projetual: como tradu-

zir, de maneira visual e informativa, as conexões entre o design de guitarras elétricas icônicas e os estilos musicais e movimentos culturais em que estavam inseridas? Para responder a essa questão, este trabalho propõe a criação de um catálogo editorial com caráter gráfico-informativo, que apresente modelos de guitarras significativos dentro de um recorte histórico, contextualizando-os em relação a seus aspectos formais (forma, cor, acabamento) e culturais (movimentos musicais, artistas, contextos sociais).

Para a construção do trabalho, será utilizada uma metodologia baseada em pesquisa bibliográfica, seleção e análise de conteúdo visual e histórico, além do desenvolvimento de um projeto gráfico com foco editorial. A parte teórica será sustentada pelos princípios do Design da Informação. Com base nas definições do CIDI e nas contribuições de Jorante et al. (2020, p.103-132), que discutem a atuação do design como mediador de conteúdos informativos e culturais em diferentes meios de comunicação, as escolhas visuais e editoriais ao longo do projeto serão fundamentadas na articulação entre forma, história e cultura musical.

1.2. O design da informação e seu papel junto a um projeto editorial.

O Design da Informação é uma abordagem do design que tem como foco a organização e a apresentação de conteúdos de forma clara, acessível e significativa. Sua atuação está diretamente relacionada à mediação entre informações e seus destinatários, transformando conteúdos complexos em estruturas visuais legíveis e interpretativas. Segundo a Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI, 2020), o Design da Informação busca promover a clareza, a compreensão e o acesso à informação por meio de estruturas visuais bem organizadas e significativas, capazes de atender às necessidades dos usuários e aos contextos de uso.

O Design da Informação trata de compreender como o design pode facilitar a leitura, a compreensão e a retenção de informações, atuando como ferramenta de interpretação e estruturação de informação. Como destacam Jorante et al.(2020, p.103-132), esse campo surge como resposta à complexidade crescente dos meios de comunicação, marcada pela sobrecarga de dados e pela multiplicidade de

linguagens. A partir da contribuição de diversos autores, consolida-se um conjunto de princípios orientadores como clareza, coerência, hierarquia visual, legibilidade, acessibilidade e organização lógica, que visam tornar visíveis as relações entre elementos visuais e textuais, favorecendo a construção de significados. Tais princípios são essenciais especialmente em projetos que lidam com narrativas culturais, históricas ou simbólicas, como é o caso deste trabalho.

É dentro desse cenário que o Design Editorial se destaca como um dos principais campos de aplicação do Design da Informação. A diagramação de livros, revistas, jornais, catálogos e outras publicações exige decisões visuais que acomodam o conteúdo, deem ritmo à leitura, estabeleçam hierarquia entre informações e ampliem a capacidade de interpretação do leitor. Em projetos editoriais, cada escolha gráfica, como a distribuição de blocos de texto, o uso de imagens e a definição de contrastes visuais, funciona como elemento narrativo e comunicacional.

Mais do que disposição gráfica, o design editorial propõe uma experiência de leitura. Ao estruturar o conteúdo de forma consciente, o projeto gráfico passa a guiar o olhar do leitor, sugerindo caminhos, pausas e pontos de atenção. Cada elemento da composição participa da construção de sentido: o modo como uma imagem aparece, a dis-

tância entre os parágrafos, a repetição de certos elementos visuais, tudo isso contribui para a construção de uma narrativa visual.

No contexto deste trabalho, o Design Editorial é o campo onde se aplicam os princípios do Design da Informação na construção do catálogo gráfico-informativo. Mais do que organizar conteúdos, o projeto gráfico é pensado como ferramenta ativa na criação de significado. As escolhas de diagramação, ritmo visual e distribuição de elementos funcionam como parte fundamental da maneira como as informações serão compreendidas ao longo da obra.

Nesse sentido, o catálogo busca ir além da simples apresentação de dados ou imagens. Sua estrutura visual será desenvolvida para facilitar a leitura das relações entre forma, música e cultura, transformando cada seção em um espaço de exploração interpretativa. A experiência do leitor será guiada por uma narrativa gráfica que articula texto e imagem, permitindo que as conexões simbólicas entre os elementos visuais e seus contextos musicais sejam percebidas de maneira acessível e significativa.

1.3. Uma breve descrição do projeto de design editorial

Partindo das bases conceituais discutidas anteriormente, as escolhas visuais passam a ser tratadas como parte essencial da linguagem da publicação, e não como elementos secundários ou meramente decorativos. Em projetos editoriais cada decisão gráfica, da composição das páginas à escolha tipográfica, cumpre uma função comunicativa e interpretativa. O design editorial atua como mediador entre o conteúdo e o leitor, tornando a experiência de leitura mais fluida, compreensível e envolvente.

A composição gráfica organiza os elementos na página, distribuindo pesos visuais, criando hierarquias e sugerindo trajetos de leitura. A utilização do grid (ou grade), por exemplo, é uma das ferramentas fundamentais nesse processo, pois permite estruturar o conteúdo com clareza e proporção. Para Aliane Haluch (2013, p. 45), o design editorial envolve desde a definição de margens e estruturas até a escolha da tipografia, sendo pensado para tornar o livro não apenas funcional, mas também confortável e atrativo à leitura. A autora enfatiza que o grid, longe de limitar a criação, contribui para um layout mais limpo e eficaz.

Nesse contexto, a tipografia deixa

de ser um simples suporte para o texto e passa a exercer um papel expressivo. Ela ajuda a reforçar o sentido do conteúdo e a definir o caráter do material gráfico. Fontes distintas evocam atmosferas visuais específicas e, quando escolhidas com intenção, tornam-se parte da linguagem do projeto. Em publicações que lidam com temas culturais ou históricos, a tipografia também pode ajudar a contextualizar visualmente as épocas, os estilos ou as estéticas abordadas.

O uso de imagens, da mesma forma, vai além da função ilustrativa. Em publicações informativas como catálogos, a imagem participa da construção de sentido. Recortes, enquadramentos, inserções e interações com o texto criam ritmo e estabelecem conexões visuais com o conteúdo. Quando bem posicionadas, as imagens ampliam o impacto da informação e colaboram com a narrativa gráfica da obra. As decisões relacionadas ao formato e à estrutura, como dimensões físicas, orientação da página e organização das seções, também integram o conjunto projetual. Haluch (2013, p.41) destaca que o ponto de partida para essas definições deve ser o conteúdo: é a leitura dos originais que indica a melhor forma de apresentação gráfica. Esse princípio reforça a importância de uma estrutura editorial coerente, que favoreça a leitura e o entendimento do material. Todos esses elementos se articu-

lam para formar a identidade visual da publicação. A unidade entre composição, imagem, estrutura e tipografia é o que confere ao projeto seu tom próprio, tornando-o reconhecível e significativo. Em publicações como a proposta deste trabalho, que tratam de cultura, linguagem e visualidade, a identidade gráfica não é apenas estética, mas também simbólica e comunicativa.

2. Conteúdo: curadoria das guitarras elétricas

2.1 Critérios curoriais e fundamentos teóricos

A curadoria das guitarras que compõem este catálogo não foi conduzida de maneira aleatória ou puramente técnica. A seleção dos modelos foi guiada por critérios que mesclam relevância histórica, impacto visual e valor simbólico, considerando tanto os contextos culturais quanto a presença visual dos instrumentos em diferentes momentos da história da música popular. O foco recai sobre modelos que se tornaram reconhecíveis não apenas por sua sonoridade, mas por representarem visualmente estilos musicais, movimentos culturais e artistas icônicos.

As escolhas bibliográficas deste trabalho foram fundamentadas em obras e artigos que abordam a guitarra em sua dimensão histórica, cultural e estética. Entre elas, destaco o livro *Guitarra*, de Renato Gomes, que serviu como base

acessível e abrangente para compreender o instrumento em múltiplas perspectivas. Como referências secundárias, utilizei autores consagrados no universo da guitarra, como Tony Bacon e Tom Wheeler, ainda que suas obras tenham sido de difícil acesso integral, consultei partes selecionadas e consistentes de seus estudos Bacon, em *Electric Guitars: The Illustrated Encyclopedia*, organiza a história da guitarra elétrica a partir de modelos emblemáticos, analisando não apenas suas formas e aplicações sonoras, mas também os contextos sociais que as tornaram significativas. Wheeler, em *The Stratocaster Chronicles*, concentra-se em um dos modelos mais influentes do século 20, a Fender Stratocaster, revelando como ela se consolidou como símbolo estético, tecnológico e cultural.

Vale destacar que a curadoria neste projeto não se limita à seleção de modelos, mas funciona como uma narrativa visual intencional. Como aponta Haluch (2013, p.43), a curadoria editorial deve levar em conta não apenas o conteúdo, mas também as formas de leitura, interpretação e experiência do leitor. Nesse sentido, as guitarras selecionadas funcionam como elementos narrativos: organizam a experiência visual, constroem um percurso de leitura e ajudam a revelar relações entre forma, som e cultura. Assim, os critérios curoriais adotados neste catálogo são ancora-

dos em teorias do design, da história da música e da cultura visual e o papel do designer é o de reorganizar suas camadas de sentido em uma proposta visual coerente e interpretativa.

2.2 Organização curatorial: décadas, estilos e contextos culturais

A organização do conteúdo para o catálogo foi pensada como um percurso editorial que se constrói a partir da transformação visual das guitarras elétricas e das transformações culturais e musicais associadas a elas. A proposta parte de um recorte cronológico e estilístico que permite explorar como o design das guitarras se relaciona com atmosferas estéticas, movimentos culturais e mudanças na linguagem sonora ao longo das décadas.

Cabe ressaltar que, embora a guitarra elétrica também tenha desempenhado um papel importante no Brasil, este capítulo não foi desenvolvido no catálogo final. Essa decisão não reflete uma desconsideração, mas sim a necessidade de manter a coerência editorial: em todos os outros casos, a guitarra aparece como centro da narrativa visual e textual, enquanto no contexto brasileiro o protagonismo recairia mais sobre os músicos do que sobre os modelos específicos

de instrumento. Assim, a ausência do Brasil é um recorte consciente, assumido como limite do projeto, mas que aponta para um caminho de pesquisa futura.

O universo do rock, tradicionalmente associado à guitarra elétrica, se desdobrou em inúmeros subgêneros ao longo das décadas, cada um com propostas visuais, sonoras e culturais próprias. No entanto, o objetivo deste catálogo não é mapear todos esses estilos, e sim observar como determinados modelos de guitarra se tornaram marcantes dentro desse cenário. Muitos desses instrumentos acompanharam ou mesmo impulsionaram mudanças estéticas e musicais, representando, em sua forma, timbre e visualidade, momentos específicos da história do rock.

Nesse sentido, as décadas foram utilizadas como referências de apoio para estruturar o percurso editorial, mas sem rigidez cronológica. As guitarras não foram posicionadas a partir de seu momento de origem, e sim do período em que alcançaram maior protagonismo cultural e simbólico. Esse critério está ligado não apenas ao ano de lançamento de cada modelo, mas sobretudo à sua associação com artistas que marcaram época. Um exemplo é a Gibson Les Paul: utilizada em diferentes momentos, como nos anos 1960 e 1980, ela foi aqui retratada nos anos 1970, quando Jimmy Page consolidou sua imagem como ícone daquele

período. Essa lógica se repete em outros modelos, como a Gibson SG, utilizada por músicos desde os anos 60, mas que no catálogo aparece nos anos 1980, em diálogo com a performance marcante de Angus Young. Assim, o recorte privilegia a força simbólica das guitarras em seus contextos de maior visibilidade. Mais do que abranger todas as possibilidades, a proposta é abrir caminhos de leitura sensíveis, acessíveis e interpretativos para esse campo tão amplo.

2.2.1 O Blues e os primórdios da guitarra elétrica

Esse trajeto se inicia nos primórdios do blues e do jazz, quando a guitarra elétrica ainda mantinha traços visuais herdados do violão tradicional. Modelos como a Gibson ES-335 e a icônica Lucille de B.B. King ilustram esse momento de transição: semiacústicas, com corpo oco e acabamentos amadeirados, carregavam uma estética mais clássica e introspectiva, que dialogava com a expressividade emocional dos gêneros afro-americanos. Como destacam Vasconcelos e Vasconcelos (s.d., p. 42), essas guitarras traduziam em forma visual a densidade e a fluidez da linguagem musical do blues.

A guitarra, nesse contexto, era um veículo simbólico de resistência, emoção e identidade cultural. Sua amplificação permitiu que os músicos expressassem nuances emo-

cionais com intensidade e projeção inéditas. Como observam Vasconcelos e Vasconcelos (s.d., p.43), “o timbre encorpado da guitarra se tornou uma extensão da voz do artista, carregando suas dores, lutas e histórias”. Nesse sentido, a guitarra elétrica assumia o papel de porta-voz das emoções, e o design dos primeiros modelos refletia essa função sensível, voltada à expressividade.

Para além do simbolismo, no campo do design destaca-se a Fender Telecaster, criada como resposta direta às necessidades práticas do período. Com corpo sólido, formas retilíneas e construção simplificada, o modelo traduzia o espírito funcional do pós-guerra, guiado pela eficiência e pela produção em escala. A Telecaster representava, assim, um desdobramento natural desse momento histórico, em que a guitarra passava a reunir não apenas a carga expressiva e emocional, mas também uma dimensão moderna e pragmática.

Nesse momento inaugural, a guitarra se estabelecia não apenas como ferramenta musical, mas como ícone visual de uma cultura marginalizada em afirmação. Esse início pavimentou o caminho para a explosão visual e ideológica que a guitarra elétrica assumiria na década seguinte.

Embora os anos 1950 também marquem o surgimento do rock and roll em sua forma mais popularizada, com nomes como Elvis

Presley e Johnny Cash, essa fase não recebeu destaque central nessa pesquisa. Isso se deve ao fato de que, apesar de culturalmente relevantes, esses estilos ainda se apoiavam predominantemente no violão acústico e não promoveram transformações significativas no design da guitarra elétrica. Como destaca Wheeler (2004, p. 118), foi no blues urbano e no R&B que a guitarra elétrica encontrou terreno fértil para se consolidar enquanto instrumento simbólico e expressivo. Nesse sentido, optou-se por priorizar a análise das matrizes afro-americanas, blues e jazz, como eixos fundadores do papel visual e sonoro que moldaram as revoluções da década seguinte.

2.2.2 Os anos 1960: Psicodelia e contracultura.

O início da década de 1960 foi marcado pelo surf rock, que atuou como ponte entre a fase funcional do pós-guerra e a explosão cultural que viria em seguida. Bandas como The Ventures e artistas como Dick Dale popularizaram um som carregado de reverb e melodias vibrantes, que evocavam a atmosfera costeira da Califórnia. Nesse contexto, a Fender Jazzmaster ganhou destaque: com seu escudo ampliado, design arrojado e proposta de modernidade, tornou-se símbolo dessa estética jovem e ensolarada, antecipando o vínculo entre guitarra elétrica e identidade

cultural da juventude.

A partir da segunda metade da década, a contracultura se consolidou como movimento estético e ideológico, reposicionando a guitarra elétrica como símbolo central da rebeldia e da transformação social. A ascensão dos grandes festivais ao ar livre, a psicodelia e a experimentação sonora levaram o instrumento a um novo patamar de visibilidade. Modelos como a Fender Stratocaster se tornaram sinônimos de artistas como Jimi Hendrix, George Harrison e Eric Clapton. Wheeler (2004, p. 115) aponta que esses músicos transformaram a guitarra em extensão do corpo e ferramenta expressiva de discursos visuais e sonoros.

As experimentações com pintura, acabamento e postura cênica ampliaram o potencial simbólico da guitarra. Psicodelia, distorção e improvisação moldaram o som da época, enquanto as formas visuais dos instrumentos incorporavam o espírito libertário do momento. A guitarra não era mais apenas um item técnico no palco, mas um artefato ideológico, associado à estética hippie, à arte psicodélica e às batalhas políticas de seu tempo. O design do instrumento passou a refletir atitude, resistência e transformação social.

2.2.3 Anos 1970: Grandiosidade, peso e presença de palco

Nos anos 1970, o cenário musical passa por uma inflexão marcada por contrastes. A utopia dos anos 1960, centrada nos ideais do movimento hippie, paz, amor e espiritualidade, começa a se desfazer diante das tensões políticas, do desencanto social e das transformações culturais do período. A música acompanha essa virada: o rock se torna mais denso, técnico e exuberante, abandonando o tom contemplativo e ganhando energia expansiva.

Nesse novo momento, a música ao vivo ganha proporções inéditas com os mega shows e a teatralidade do rock progressivo e do hard rock. A ampliação dos palcos e das plateias exigia um design que se comunicasse à distância: formatos incomuns, presença imponente e acessórios visuais se tornaram estratégia. O visual robusto, os corpos sólidos, os acabamentos escuros e os brilhos metálicos transformaram a guitarra em elemento cenográfico.

Ao mesmo tempo, a sofisticação dos equipamentos ampliava a capacidade sonora do instrumento, permitindo solos longos, efeitos modulados e camadas harmônicas complexas. Assim, forma e função se entrelaçavam em uma lógica de exuberância visual e inovação técnica. Modelos como a Gibson EDS-1275 de dois braços, utilizada por Jimmy Page, evidenciam esse momento em que a complexidade técnica do instrumento ganhava

novas camadas. Criada para permitir trocas rápidas entre diferentes timbres e afinações, sua presença no palco também reforçava um caráter performático, onde virtuosismo e espetáculo começavam a caminhar juntos.

Bacon (2000, p. 6) aponta que “algumas guitarras passaram a fazer parte do cenário, não apenas do som”. Nesse sentido, o design das guitarras dessa fase contribuiu para reforçar o espetáculo musical como um evento visual e sensorial completo.

2.2.4 Anos 1980: Estética do metal e visual performático

A década de 1980 levou o design da guitarra ao extremo da personalização e da expressividade gráfica. A estética do heavy metal, do glam e do hard rock demandava instrumentos que dialogassem diretamente com a velocidade, a agressividade e a teatralidade sonora. Guitarras como a Frankenstrat de Eddie Van Halen e a Flying V, por exemplo, tornaram-se sinônimos de performance intensa. Vasconcelos e Vasconcelos destacam como, nesse período, o design da guitarra se alinha definitivamente ao design gráfico, com cores vibrantes, ângulos ousados e acabamento futurista.

Essa fase é marcada por uma ruptura visual e sonora com o passado: os shapes agressivos, os gra-

fismos customizados e a estética de palco extravagante não apenas acompanhavam o som, eles o encenavam. A guitarra se torna personagem de uma cena: ergue-se como totem de identidade para subculturas urbanas, como os headbangers (termo usado para descrever um fã de heavy metal e seus subgêneros, conhecido pelo hábito de praticar o “headbanging” balançar a cabeça freneticamente durante as apresentações musicais). A forma comunica intensidade e ruptura, e o design contribui para solidificar a guitarra como símbolo de um imaginário coletivo repleto de potência e exagero.

2.2.5 Anos 1990: Estética introspectiva e retomada de modelos clássicos

Com a chegada dos anos 1990 e 2000, o cenário musical se fragmenta, e com ele a linguagem visual das guitarras ganha novos contornos. O grunge, o rock alternativo e o indie propõem uma estética de recusa ao brilho e ao excesso das décadas anteriores. Guitarras como a Fender Jaguar e a Mustang ressurgem com força, adotadas por músicos como Kurt Cobain, John Frusciante e Thom Yorke. Essas escolhas sinalizam um retorno a formas simples, com acabamento cru, desgaste aparente e estética mais espontânea.

O visual dessas guitarras passou a expressar vulnerabilidade, melan-

colia e autenticidade, valores que ecoavam na sonoridade introspectiva da época. A estética do imperfeito, do usado, do caseiro, reforçava o discurso artístico de uma geração que buscava se distanciar da artificialidade. O design visual acompanhava essa intenção: ausência de brilho, paleta opaca e ergonomia simples. Nesse período, o instrumento se apresenta mais como ferramenta de expressão pessoal do que símbolo de massa e, justamente por isso, reafirma sua relevância simbólica na cultura musical contemporânea.

3. Análise de similares

3.1 Basement - Everything Boxset

O projeto “Everything Boxset” é uma produção editorial independente desenvolvida por Nick Greenbank em homenagem à banda britânica Basement. A obra reúne as letras completas da discografia da banda em uma publicação de forte caráter afetivo, visualmente denso e carregado de memória. Embora seja um projeto pessoal, o resultado possui qualidade editorial notável, evidenciando um entendimento maduro de narrativa gráfica, hierarquia tipográfica e composição visual. Trata-se de uma peça que propõe um diálogo íntimo entre som, palavra e forma, destacando o poder da linguagem editorial como meio expressivo.



Capa do Everything Boxset. Fonte: [behance](#)

3.1.1 tipografia

A tipografia aqui deixa de ser apenas meio de leitura e se torna parte da ambientação emocional do conteúdo. O uso de fontes sem serifa condensadas com peso médio ou alto, muitas vezes em caixa alta, reforça um tom direto, introspectivo e intenso, que remete à sonoridade da banda e ao clima emocional das letras.

Em contraste, há momentos em que a tipografia é distorcida, fragmentada ou sobreposta a imagens, o que contribui para um efeito visual carregado, quase claustrofóbico, evocando sentimentos como ansiedade, nostalgia e ruptura.

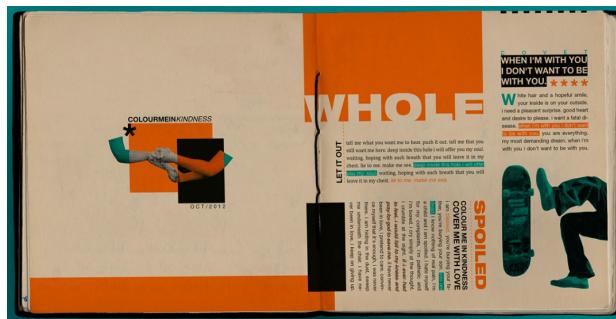


Míolo do Everything Boxset. Fonte: [behance](#)

3.1.2 grid e diagramação

A diagramação do projeto apresenta uma estrutura modular que, apesar de flexível, mantém coesão ao longo da publicação. O grid não é rígido, mas funciona como

base invisível para uma composição emocional e narrativa. E mesmo quando oculto, o grid sustenta a distribuição de texto e imagem com equilíbrio. Em muitos casos, ele é rompido de forma consciente, criando tensões visuais interessantes. A presença de elementos como filetes finos, margens amplas e posicionamento não convencional de blocos de texto dão ao projeto um caráter autoral, cuidadoso e maduro.



Miolo do Everything Boxset. Fonte: [behance](https://www.behance.net)

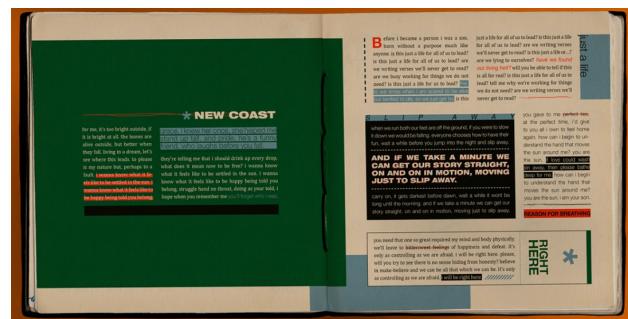
3.1.3. Composição visual, paleta e imagem

O uso da cor é extremamente expressivo e proposital. Tons fortes e contrastantes como vermelho alaranjado, amarelo intenso, azul claro, verde vibrante e até tons rosados ou lilases aparecem em páginas inteiras ou como fundos de composição.

Essas cores não surgem de forma meramente decorativa, mas sim para marcar mudanças de ritmo visual, destacar seções específicas ou criar atmosferas emocionais associadas ao conteúdo das letras. A combinação de cores vibrantes com preto e branco remete a uma estética jovem, alternativa e emo-

cionalmente carregada.

Além disso, há uma variação entre páginas mais minimalistas e outras mais saturadas, o que enriquece o ritmo visual da obra e rompe com uma linearidade previsível. Esse uso pulsante e inesperado das cores também reforça o caráter experimental e autoral do projeto.



Miolo do Everything Boxset. Fonte: [behance](https://www.behance.net)

3.2 Zine Punk

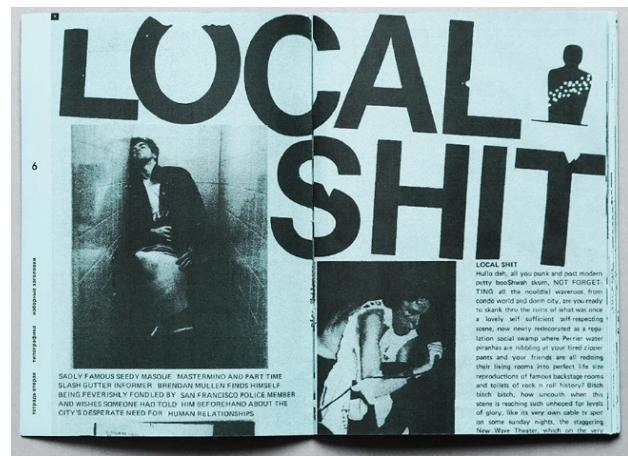
O projeto Zine Punk: zines 1970–90 phenomenon é uma reinterpretação contemporânea dos tradicionais fanzines punk que circularam entre os anos 1970 e 1990. Desenvolvido como peça editorial, o material resgata a estética gráfica dos zines artesanais e politizados que marcaram o movimento punk, mas o faz sob uma ótica de design atual, com escolhas gráficas que equilibram ruído visual, precariedade calculada e coerência editorial.



Capas dos zine Punk: zines 1970–90 phenomenon. Fonte: [behance](#)

3.2.1 Tipografia

A tipografia é, sem dúvida, um dos pilares mais impactantes deste projeto. O uso de fontes sem serifa, condensadas e com textura rústica ou suja remete diretamente às técnicas manuais de produção de zines, como recorte e colagem. Em alguns momentos, a mancha tipográfica é propositalmente irregular: palavras aparecem cortadas, alinhadas muito próximas das margens ou sobrepostas a imagens. Há momentos em que o texto se torna ilegível ou visualmente abafado, escolhas que tornam a leitura secundária à experiência visual. Essa oscilação entre clareza e ruído parece intencional, posicionando o texto mais como componente gráfico do que como meio exclusivo de informação.

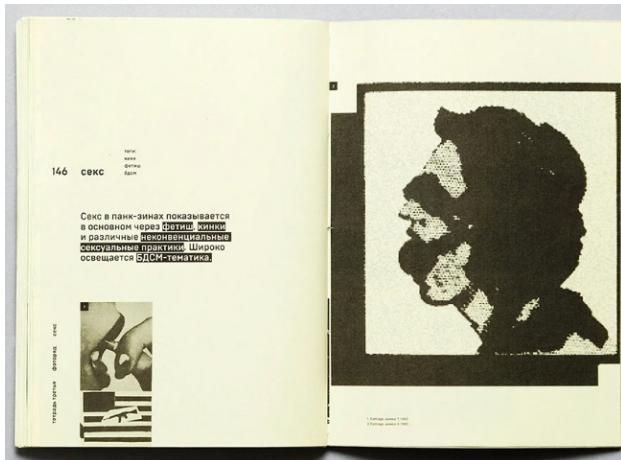


Miolo do zine Punk: zines 1970–90 phenomenon. Fonte: [behance](#)

3.2.2 Grid e diagramação

A diagramação do zine adota uma grade visivelmente flexível, com colunas instáveis e composição flutuante. Não há rigidez na estrutura, e o projeto abraça essa liberdade como parte do próprio espírito punk: contestador, caótico, direto. Em algumas páginas, há excesso de elementos e uma sobreposição visual agressiva; em outras, espaços vazios assumem protagonismo, criando respiro e contraste. Essa oscilação também serve como ritmo editorial. Há uma fluidez suja e crua que parece rejeitar o alinhamento tradicional em favor de uma narrativa gráfica mais visceral e intuitiva.



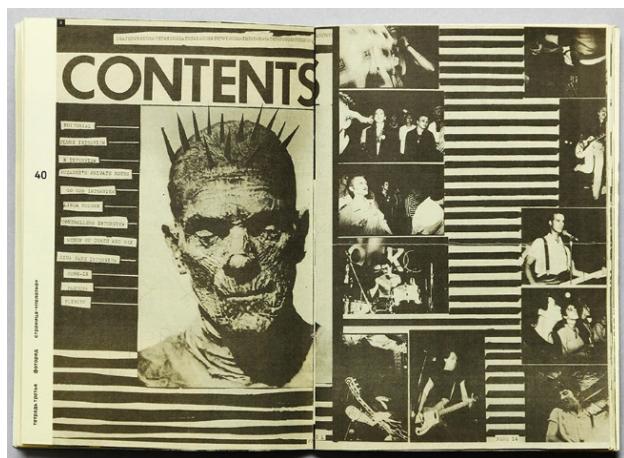


Miolo do zine Punk: zines 1970–90 phenomenon. Fonte: [behance](http://behance.net)

3.2.3 Composição visual, paleta e imagem

Mesmo com o uso limitado de cores, muitas vezes trabalhando apenas com o preto e o branco ou com a adição pontual de um vermelho vibrante ou azul, o material consegue se manter visualmente potente. A ausência de cor é compensada por um trabalho intenso de estilização das imagens: cartazes escaneados, retratos com alto contraste, ilustrações toscas e distorcidas. Essa linguagem visual é construída com colagens e interferências gráficas, que remetem aos meios rudimentares de reprodução como a fotocópia, os carimbos e as impressoras caseiras. O ruído visual se transforma em estética. Há uma recusa ao polido, ao técnico, ao institucionalizado, e essa recusa aparece também nas imagens que sangram nas bordas, nas marcas de corte visíveis e nos fragmentos que parecem extraídos de arquivos pessoais, cartazes de rua ou panfletos de protesto.

E apesar dele não se propor a ser claro ou didático, ele tem sucesso em ser expressivo, brutal e provocativo. A legibilidade é moldada conforme a intenção de cada página: algumas são feitas para serem lidas, outras apenas para serem sentidas. A força do projeto reside nessa liberdade editorial, que ainda assim consegue manter coesão dentro da proposta visual, revelando um domínio consciente do caos como linguagem gráfica.



Miolo do zine Punk: zines 1970–90 phenomenon. Fonte: [behance](http://behance.net)

3.3 Revista Black Feather

A Black Feather Magazine é um projeto editorial contemporâneo que combina de forma potente a função informativa com uma forte presença estética e identitária. A revista propõe um discurso visual que não se limita à organização clara de conteúdo, mas se constrói como um espaço expressivo, quase manifesto, em que as imagens, texturas e composições transmitem tanto quanto as palavras.



Capa da Revista Black Feather.

3.3.1 Tipografia

A escolha tipográfica na Black Feather é marcada por contrastes que dialogam com o caráter expressi-

vo do projeto. Os títulos aparecem em fontes amplas, espaçadas, geralmente em caixa alta, com forte presença gráfica. Essa escolha dá peso às chamadas principais e cria uma identidade visual marcante logo de cara. Em contraponto, o corpo de texto nem sempre adota uma lógica de leitura fluida. Em algumas páginas, o texto corrido utiliza fontes bastante alongadas na horizontal, o que torna a leitura mais cansativa, já que as letras parecem esticadas e o ritmo visual se perde um pouco. Em outros momentos, no entanto, a fonte utilizada no corpo do texto tem um estilo mais clássico e confortável: com serifas bem definidas, tamanhos adequados e bom espaçamento entre as linhas, o que favorece bastante a legibilidade.

Black Feather - Ed.

Uma nova era para o SOUN DGARDE N?



Aximustetur re, te veniet et volorum, utr quatendis eto, porro dolorro, re, nra, iusduactis mint aut quo vel molupti aliamen quiderat et fuga. Bas sum quid dolorandis velimem den velle.uptatinis ni re sunto ipsumiul, tem facipsumet auda dignibit aliquet.

Empores fugi. Luptat omni con- cuptatae ligh, conbarovicie tem quam est ab ipic quibus sita idem sunqui sum quatur sunt quodis cus corias incilia derum exerio cor- roro quo bia dipid molut que mi liquis ulparmentis rea dolorum di di dignatus velupta volupitam, quist utestis dit voluptio.

Ut moluptiam dolipit il ea quaserna dignibil estionem vo luptatem raeacti nestia de sunt

picideli taeperunt. Citatur, es rem exerrum endustotas alitataium ratur? Quia quis conest ligenis vene as magnatuda am reptata quasipiscit quatum auta volor as sunto quatatur?

Landio quiae ma debit ipsam, sam qui voluptate dolorps quas sed et quiat landi ute dipesandas imlorcs cus et as et ecessi dollupt serum, simodignis esci sintiur, nia quid ut fuga.

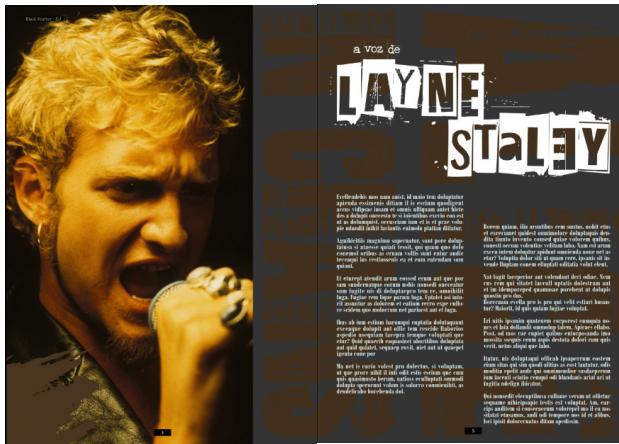
Rt prestrum facasatem earciem imen di vel min nonse eaque non pa- emite nemporatus doloratuir? Er chililit im estor an, officia san deo itissi offis tem illorempore aut lant.

Uglatus sumque venihil is inum, corum eaque non esquibus vo lento inua, cum errumque nonem lis

Miolo da Revista Black Feather. Fonte: [behance](https://www.behance.net)

3.3.2 Grid e diagramação

A diagramação da revista revela um projeto gráfico estruturado, mas com liberdade criativa. Existe uma grade visível que organiza as margens e as colunas, mas ela é rompida de forma consciente por sobreposições, recortes e deslocamentos. Esse jogo entre estrutura e ruptura faz com que a revista tenha um ritmo dinâmico, que sustenta a leitura sem se tornar rígido. Alguns elementos, como blocos de textos que invadem imagens ou imagens que “vazam” para fora das margens convencionais, demonstram uma aposta na expressividade gráfica como ferramenta de construção de sentido.



Miolo da Revista Black Feather. Fonte: [behance](#)

3.3.3 Composição visual, paleta e imagem

O projeto da Black Feather é especialmente rico na composição visual. Há uma estética que remete à colagem, com texturas sobrepostas, fotografias recortadas e granulações. As imagens não estão

ali apenas para ilustrar, elas fazem parte da atmosfera editorial, funcionando como camadas simbólicas. A paleta de cores combina tons neutros (preto, branco, cinza) com cores mais densas, como vermelhos terrosos ou amarelos opacos, criando profundidade e calor visual. Essa combinação favorece um imaginário potente, que mistura ancestralidade, urbanidade e resistência estética.

O uso de textura (riscos, fundos granulados) e a liberdade na organização visual geram uma sensação de manualidade e força gráfica. Ainda que seja um material informativo, há um claro compromisso com a personalidade editorial, algo que valoriza tanto o conteúdo quanto a experiência de leitura. A presença de elementos visuais densos e expressivos contribui para que o projeto não apenas comunique, mas também comova e envolva.

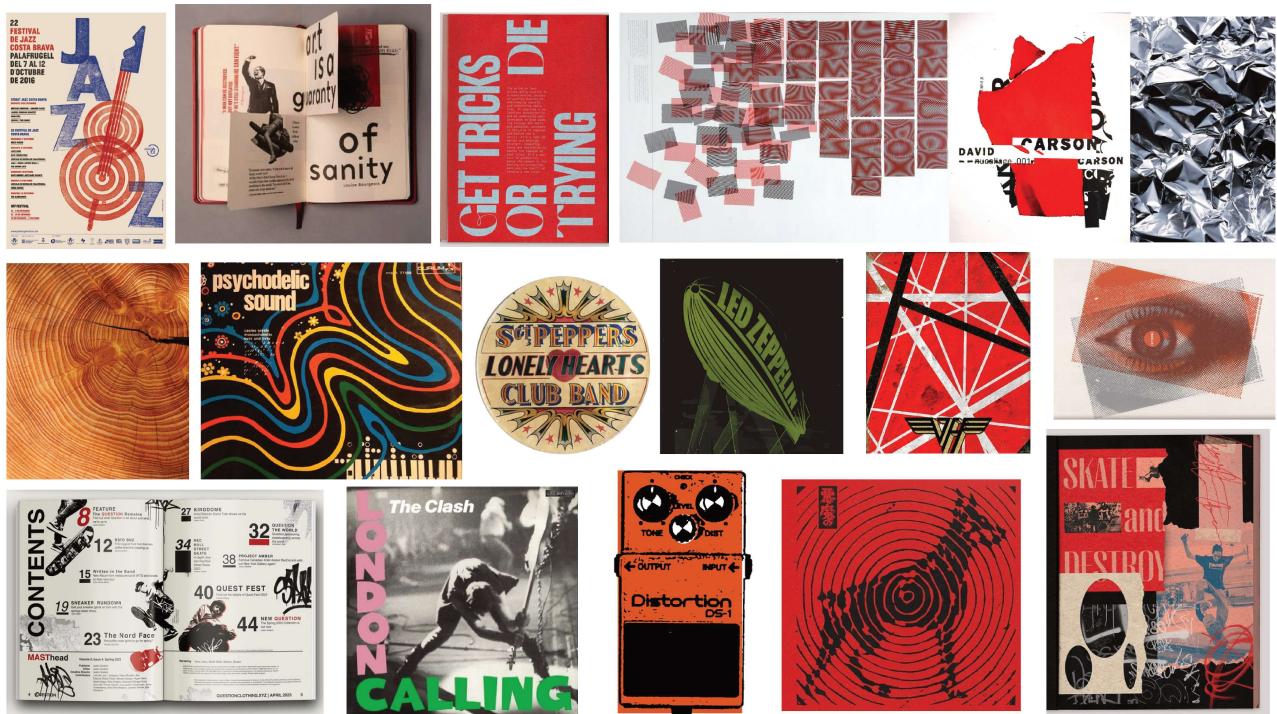


Miolo da Revista Black Feather. Fonte: [behance](#)

4. Público-alvo

O catálogo é voltado a um público diverso, mas conectado por um interesse comum: a música, o design e suas interseções culturais ao longo do tempo. Destina-se a estudantes de música, entusiastas, profissionais da área criativa e curiosos da história da música popular, que buscam compreender como a estética dos instrumentos, em especial das guitarras elétricas, dialoga com movimentos culturais e transformações visuais.

5. Moodboard



Moodboard criado pela a autora. Fonte: arquivo pessoal

6.3 Escolhas editoriais

6.3.1 Tipografia

A ideia inicial era trabalhar com duas tipografias principais, diferentes entre si (com algum contraste): uma mais cheia e arredondada, outra mais vertical e geométrica, para que funcionassem como vozes distintas dentro do editorial. Porém, essa dinâmica logo se mostrou insuficiente para atender às necessidades do projeto, já que o catálogo envolve várias épocas, estilos musicais e atmosferas gráficas.

A solução encontrada foi fixar uma tipografia base para o miolo, garantindo unidade, clareza e equilíbrio entre as partes. Essa escolha consolidou a sensação de padrão editorial para o catálogo, impedindo que as seções parecessem fragmentadas ou independentes demais. A diferenciação passou, então, a acontecer nos títulos de cada guitarra, que receberam tratamentos específicos em diálogo com as características do período ou do artista em questão.

Essa estratégia resolveu duas preocupações iniciais: evitar tanto uma despadronização visual que poderia surgir do excesso de tipos distintas, quanto a neutralização completa da identidade gráfica. O resultado foi uma tipografia unificadora no miolo do conteúdo textual e títulos com variações significativas, capazes de marcar o espírito de cada época.

A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r
s t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

Adobe Caslon - A tipografia escolhida para o miolo do catálogo foi a Adobe Caslon, uma fonte serifada de forte tradição editorial. Ela se relaciona diretamente com a proposta do catálogo: oferecer clareza e elegância na leitura.

A B C D E F G H I J K L M N
O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q
r s t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q
r s t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P
Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q
r s t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O P Q
R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s
t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O P Q
R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s
t u v w x y z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

Telegraf Bold – Tipografia arredondada e cheia, de peso marcante, evocando proximidade e organicidade. Escolhida para reforçar a atmosfera calorosa e emocional do blues.

Helvetica – Fonte sem serifa de desenho funcional, proporções equilibradas e neutralidade pós-guerra. Dialoga com o caráter direto e prático da guitarra à época.

Mighty Souly – Tipografia vertical com pontas suavizadas, de aparência descontraída e dinâmica, introduzindo leveza ao conjunto.

White Capel – Fonte de curvas arredondadas e traços marcados, remetendo às tipografias usadas em cartazes de jangle pop e abrindo caminho para a psicodelia.

Wizard – Tipografia experimental com distorções e fluidez. Usada tanto em sua forma normal quanto deformada, reforça a ideia de expansão sensorial.

ITC Benguiat Std – Fonte serifada de traços elegantes e sofisticados, com contraste acentuado. Escolhida para destacar o caráter refinado e espiritual de Santana.

ITC Avant Garde Gothic – Fonte geométrica de formas consistentes, adaptada em duas variações: mais arredondada na Les Paul e mais imponente na de dois braços, reforçando versatilidade e monumentalidade.

Squealer – Tipografia pontiaguda e agressiva, inspirada no logotipo do AC/DC, remetendo à energia elétrica e aos chifres da SG.

A B C D E F G H I J K L M N O
P Q R S T U V W X Y Z
A B C D E F G H I J K L M N O
P Q R S T U V W X Y Z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O
P Q R S T U V W X Y Z
A B C D E F G H I J K L M N O
P Q R S T U V W X Y Z
0123456789 .,:;"(!?)+-*/=

A B C D E F G H I J K L M N O P
Q R S T U V W X Y Z
A B C D E F G H I J K L M N O P
Q R S T U V W X Y Z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 . ! —*/

A B C D E F G H I J K L M N
O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n
o p q r s t u v w x y z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9
. , ; : ' " (! ?) + - * / =

Capture It – Fonte texturizada, com efeito desgastado e blocado. Evoca rusticidade e caráter artesanal, em sintonia com a customização manual da Frankenstrat.

Pastor of Muppets – Tipografia cortante, com caixa alta robusta e caixa baixa geométrica. Referência ao peso visual do metal e ao logotipo da Metallica. Ela foi levemente modificada para melhor adaptação no catálogo.

Punk Kid – Estética de spray pintado à mão, irregular e crua. Evoca o universo punk e alternativo, reforçando o caráter contestador e instintivo associado à Jaguar e ao grunge dos anos 1990.

Typedeer – Serifada e texturizada, com aparência de desgaste. Reforça a ideia de rusticidade, associada ao universo lo-fi e caseiro.

6.3.2 Composição e formato

O objetivo da composição do catálogo foi criar páginas que equilibrassem clareza, legibilidade e ritmo de leitura, sem perder a densidade visual que o tema exige. Mais do que ser apenas agradável visualmente, o projeto buscou transmitir informações de forma acessível, tanto pelo texto quanto pelas imagens. Essas preocupações partem dos propósitos do design da informação, que entende a diagramação como um processo de organização de conteúdos verbais e visuais de modo que facilitem a compreensão e a experiência do leitor.

O formato adotado de 200 × 200 mm, tem como referência os álbuns de vinil, mas em um dimensão menor, facilmente replicável, podendo ser impresso em uma lâmina de folha A3. Esse formato quadrado também oferece uma boa pro-

porção para o diálogo entre texto e imagem, sem privilegiar excessivamente um em detrimento do outro. A organização das páginas foi pensada em aberturas duplas. Cada guitarra ocupa uma abertura inteira, o que reforça a ideia de imersão: quebrar a narrativa no meio da página seria diluir a atmosfera que cada instrumento carrega. Dentro dessas aberturas, alguns elementos se repetem como estratégia de padronização: o espaço reservado para o título e a composição textual em blocos regulares.

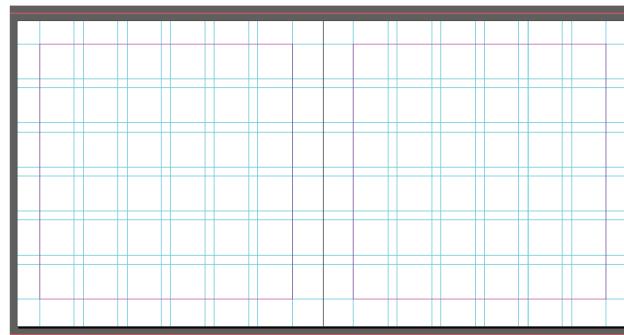
O grid modular de 6×6 , funcionou como esqueleto invisível do projeto inteiro. O texto foi estruturado majoritariamente em três colunas, mas com flexibilidade para ocupar duas ou quatro quando necessário. Essa variação permite que imagens se expandam ou que textos se adaptem ao conteúdo, mantendo, ainda assim, um senso de ordem. A textura visual foi utilizada como recurso de ambientação gráfica, ajudando a representar atmosferas específicas sem comprometer a leitura.

As margens também seguiram critérios funcionais. A margem interna foi definida em 20 mm, maior que as demais, para compensar a encadernação. As margens externas e superiores foram de 15 mm, enquanto a inferior recebeu 18 mm, pois nela se inseriu o rodapé. Esse rodapé indica a guitarra e a década correspondente, funcionando como sinalização editorial.

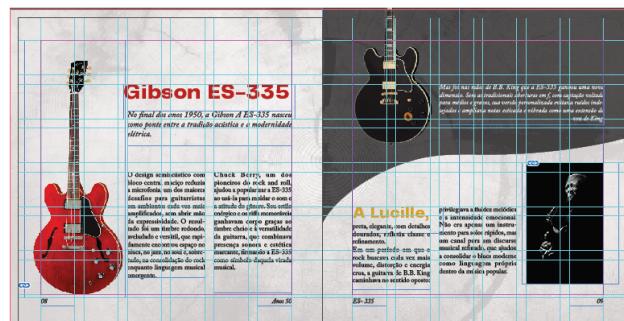
Assim, a composição criou uma es-



Exemplo da imersão e construção em páginas duplas. Fonte: projeto da autora.



Grid aplicado na folha 200 x 200mm. Fonte: projeto da autora.



Exemplo 1 do layout no grid. Fonte: projeto da autora.

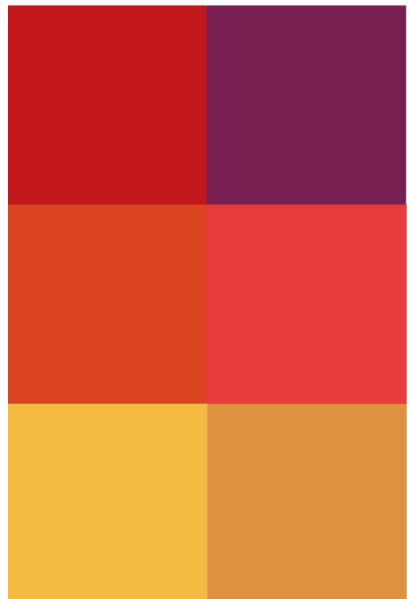


Exemplo 2 do layout no grid. Fonte: projeto da autora.

trutura que apoiasse o conteúdo e desse ritmo à leitura, mantendo sempre o equilíbrio entre unidade e flexibilidade.

6.3.3 Cores

O vermelho e suas cores análogas conduz a identidade visual do catálogo. Elas assumem diferentes papéis: em tons mais abertos e vibrantes, remete ao rock mais pesado e performático, marcado pelo impacto visual e midiático de estilos como o hard rock; já em tonalidades mais próximas do laranja e do amarelo, evoca passagens de transição, intensidades quentes e dinâmicas ligadas ao experimentalismo sonoro. Em contraste com essa paleta quente, algumas páginas foram trabalhadas em preto e branco, como recurso de ambientação. Essa escolha surge em contextos ora associada a contextos mais melancólicos e introspectivos, ora explorando o efeito xerocado e gráfico. O uso de texturas mais rugosas e imperfeitas reforça essa intenção, criando pausas narrativas que ampliam a expressividade de cada época.

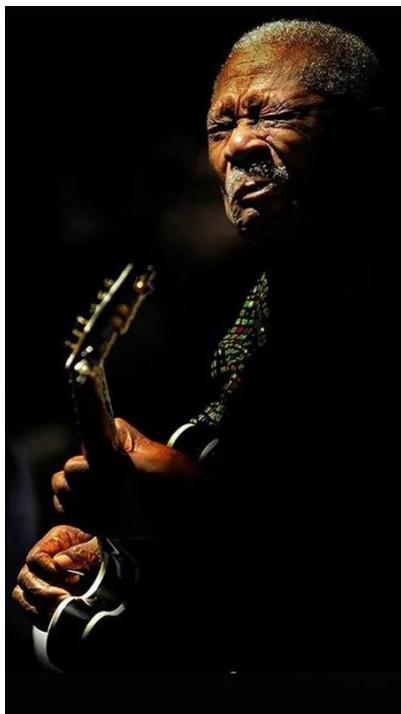


Amostra das cores que contém no projeto. Fonte: projeto da autora.

6.3.4 Imagens e tratamento

As imagens utilizadas no catálogo foram obtidas a partir de acervos digitais variados, sempre priorizando materiais que pudessem traduzir tanto o caráter informativo quanto o expressivo do projeto. Para isso, foram selecionados dois tipos principais de fotografia: aquelas que mostram a guitarra em detalhe, em sua forma e design, e aquelas que apresentam o guitarrista em performance, trazendo à tona a atmosfera cultural e estética de cada época.

O tratamento das imagens foi feito de forma individualizada, sem buscar padronização rígida. Em alguns momentos, a fotografia aparece em preto e branco, em outros foi modificada de maneira radical. Há ainda situações em que o tra-



Sem tratamento

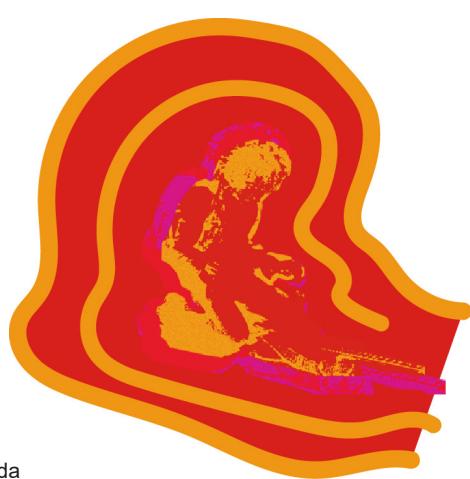


Tratada

Tratamento da foto BB King, guitarra ES-335. Fonte: projeto da autora.



Sem tratamento



Tratada

Tratamento da foto Jimi Hendrix, guitarra Stratocaster. Fonte: projeto da autora.



Sem tratamento



Tratada

Tratamento da foto Kurt Cobain, guitarra Mustang. Fonte: projeto da autora.

tamento é mais sutil, apenas corrigindo contraste ou nitidez para evidenciar detalhes.

6.3.5 conteúdo textual

O texto que compõe o catálogo foi desenvolvido de maneira autoral, não se limitando ao uso de Lorem Ipsum ou de conteúdos previamente existentes. Essa decisão foi tomada pois o projeto buscou além de explorar soluções gráficas, o estudo e a dimensão do design dentro do mundo da guitarra. Para tanto, foram realizadas pesquisas em livros, artigos e referências bibliográficas já citadas anteriormente, sempre associadas também ao meu repertório pessoal tanto no campo da música quanto no do design.

A intenção foi que o texto dialogasse diretamente com o projeto editorial, reforçando a proposta de compreender a guitarra como um artefato cultural que atravessa formas, cores, linguagens gráficas e contextos. Para garantir coesão e padronização, especialmente considerando que não tenho formação como escritora, optei por adotar uma estrutura fixa para cada entrada do catálogo. Essa estrutura contempla tópicos como: a guitarra (seu nome, marca e descrição visual), o guitarrista associado, o som (suas qualidades e características), o contexto histórico-cultural e, por fim, o design, no qual a estética do instrumento é relacionada às linguagens gráficas e visuais

da época. Esse modelo funcionou como guia de escrita, permitindo consistência ao longo do material sem sufocar a liberdade criativa do texto.

Por se tratar de uma produção autoral, é importante ressaltar que o conteúdo ainda é suscetível a revisões e ajustes, principalmente no campo da norma culta e do refinamento textual. Mais do que oferecer uma redação definitiva, a proposta foi construir uma narrativa autoral e coerente, que valoriza o texto como parte essencial da experiência editorial, equilibrando conteúdo e projeto gráfico.

6.3.6 Conteúdos pré-textuais e capa

A concepção dos conteúdos pré-textuais foi guiada pela ideia de neutralidade. Se o miolo do catálogo se transforma a cada época, refletindo atmosferas culturais e gráficas distintas, era importante que o pré-textual não evocasse nenhuma estética específica. A decisão, portanto, foi construir essa parte como um espaço de apoio, que dialoga com o corpo do catálogo, mas sem competir com ele.

Esse diálogo se expressa na escolha da tipografia e do grid. Optou-se pela mesma fonte adotada no miolo, a Adobe Caslon, uma serifada clássica capaz de assumir diferentes pesos e variações, aplicada tanto em títulos quanto nos tópicos textuais. Já a organização visual

foi sustentada pelo grid modular de seis colunas, que estrutura margens, hierarquias e espaçamentos. Com fundo branco constante e o uso restrito das cores preto e vermelho, o pré-textual se mantém como um esqueleto coeso, garantindo unidade editorial sem chamar para si o protagonismo.

A mesma lógica de construção foi aplicada às capas das épocas. Ne-las, a neutralidade também está presente, mas combinada ao trata-mento de fotografias das guitarras que servem como painéis visuais. De um lado, a indicação do ano aparece acompanhada dos nomes dos modelos, em hierarquia reduzi-da. Do outro, a cada nova década, mais guitarras se somam às ante-riores, formando um mosaico pro-gressivo que marca a passagem do tempo. Esse recurso visual não apenas organiza a transição entre seções, mas também evidencia a acumulação histórica do instru-mento.

A capa principal foi pensada como síntese. O mesmo conceito gráfico do pré-textual foi mantido, mas com uma diferença fundamental: o vermelho em bloco substitui o fundo branco, trazendo intensidade e peso visual ao primeiro contato com o catálogo. A tipografia segue a mesma, reforçando a coerência do projeto, mas sua composição ganha protagonismo. A palavra “Guitarra” aparece destacada, maior e em posição diferente das demais, de modo que a organiza-



Texto trabalhado na estrutura grid. Fonte: projeto da autora.



Capa dos anos 90 com todas as guitarras já faladas no catálogo ao lado. Fonte: projeto da autora.



Capa. Fonte: projeto da autora.

ção do título remete à silhueta do próprio instrumento. Essa construção tipográfica atua como uma gestalt, em que o leitor reconhece a guitarra não em sua imagem direta, mas sugerida pela disposição das palavras.

A escolha do título *Guitarra: som, design e cultura* conecta essa capa ao miolo de forma conceitual. Ele foi definido a partir da própria estrutura textual do projeto, funcionando como um nome explicativo, direto e alinhado à narrativa construída ao longo das páginas.

Para a segunda e terceira capa, contracapa a escolha foi manter o fundo branco como base, trazendo por cima a textura criada manualmente a partir do braço da minha própria guitarra. O processo foi feito utilizando tinta vermelha sobre folha sulfite, pressionando as cordas contra o papel. O resultado é uma trama de linhas paralelas, que variam em espessura de acordo com o diâmetro das cordas, formando um registro gráfico direto do instrumento. A irregularidade da tinta e o leve desalinho das linhas reforçam o caráter artesanal da proposta, ao

Guitarra: Som, design, e cultura.



Trabalho tipográfico na capa. Fonte: projeto da autora.



Trabalho de textura que é utilizado na contracapa. Fonte: projeto da autora.

mesmo tempo em que traduzem visualmente a materialidade da guitarra.

Também foi criada uma segunda textura, produzida a partir de uma única corda da guitarra solta. Diferente da textura principal, que remete às linhas paralelas do braço do instrumento, essa segunda funciona mais como um ruído, já que visualmente não remete de forma nítida ao espaço que as cor-

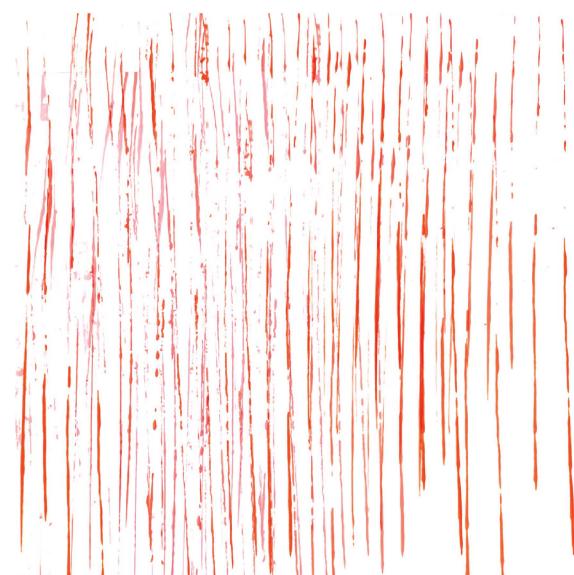
das ocupam. Ela foi utilizada como mancha no sumário e na capa. Além disso, foi inserida uma página sobre a anatomia da guitarra, pensada como recurso de acessibilidade. Essa escolha busca oferecer ao leitor não especializado uma compreensão inicial sobre as partes do instrumento, facilitando a leitura e interpretação dos capítulos seguintes.



Trabalho de textura utilizado na capa e sumário. Fonte: projeto da autora.



Resultado da textura no vermelho. Fonte: projeto da autora.



Resultado da textura no branco. Fonte: projeto da autora.

6.3.7 Teste de impressão

Durante o processo de criação, foram realizados testes de impressão para avaliar a fidelidade do projeto gráfico. O primeiro teste foi feito em papel sulfite comum, que revelou algumas limitações importantes: determinadas imagens e elementos ficaram muito próximos ao limite da margem interna, comprometendo a legibilidade e o respiro visual. Outro ponto crítico foi a tonalidade de fundo: o off-white idealizado acabou resultando em um tom amarelado, destoando da proposta inicial. Além disso, o papel sulfite mostrou-se ineficiente para a reprodução

de texturas sutis, que praticamente desapareceram nessa impressão. Essa limitação, no entanto, não ocorreu no teste realizado em papel couchê, que apresentou resultados superiores. Nesse segundo teste, definiu-se o uso do papel couchê 115 g para o miolo e 150 g para a capa. A escolha foi determinada pelo acabamento em grampo canoa, já que o catálogo totaliza 52 páginas contando com a capa. Essa configuração mostrou-se a mais adequada, equilibrando qualidade visual, viabilidade técnica e o limite estrutural do formato em caderno.



Teste no sulfite, imagem além da margem e fundo amarelado. Fonte: projeto da autora.



Teste de impressão em papel couchê, imagem realocada e textura nítida.
Fonte: projeto da autora.

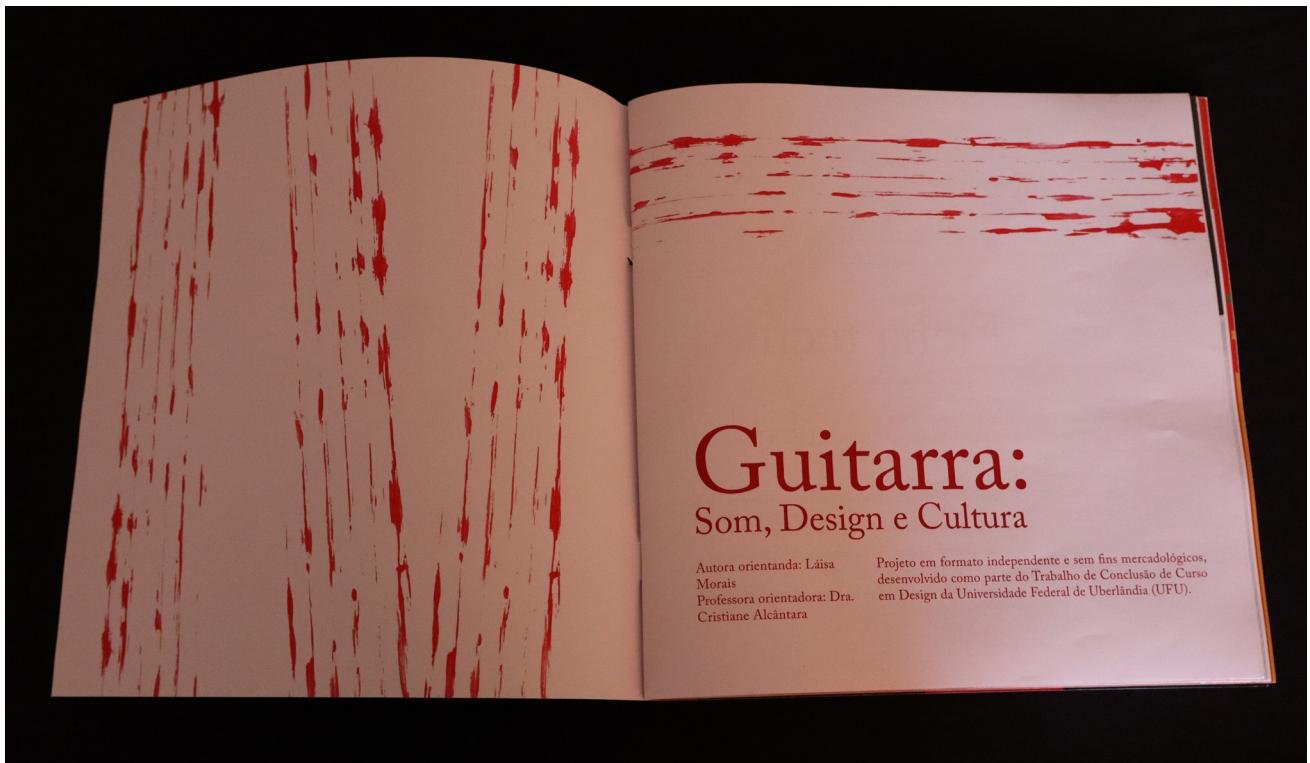
7. Catálogo finalizado



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



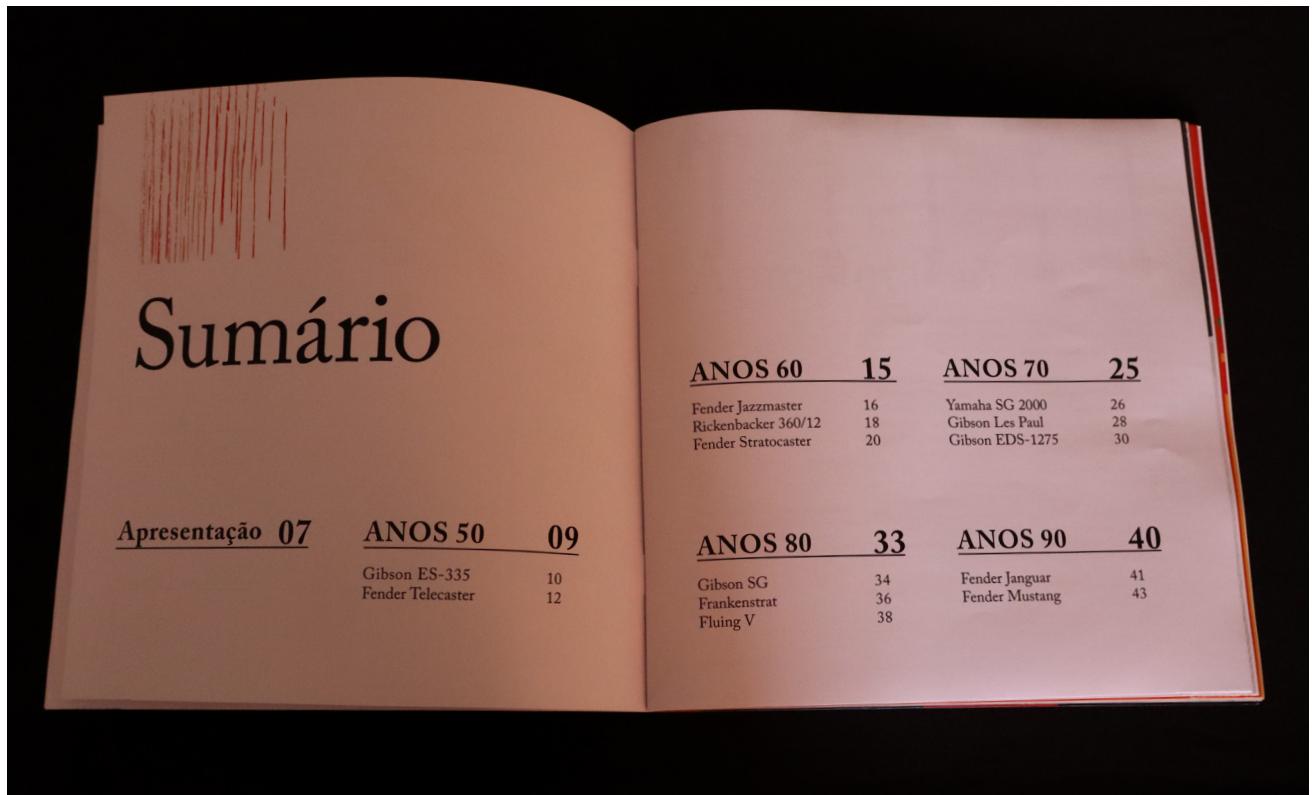
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



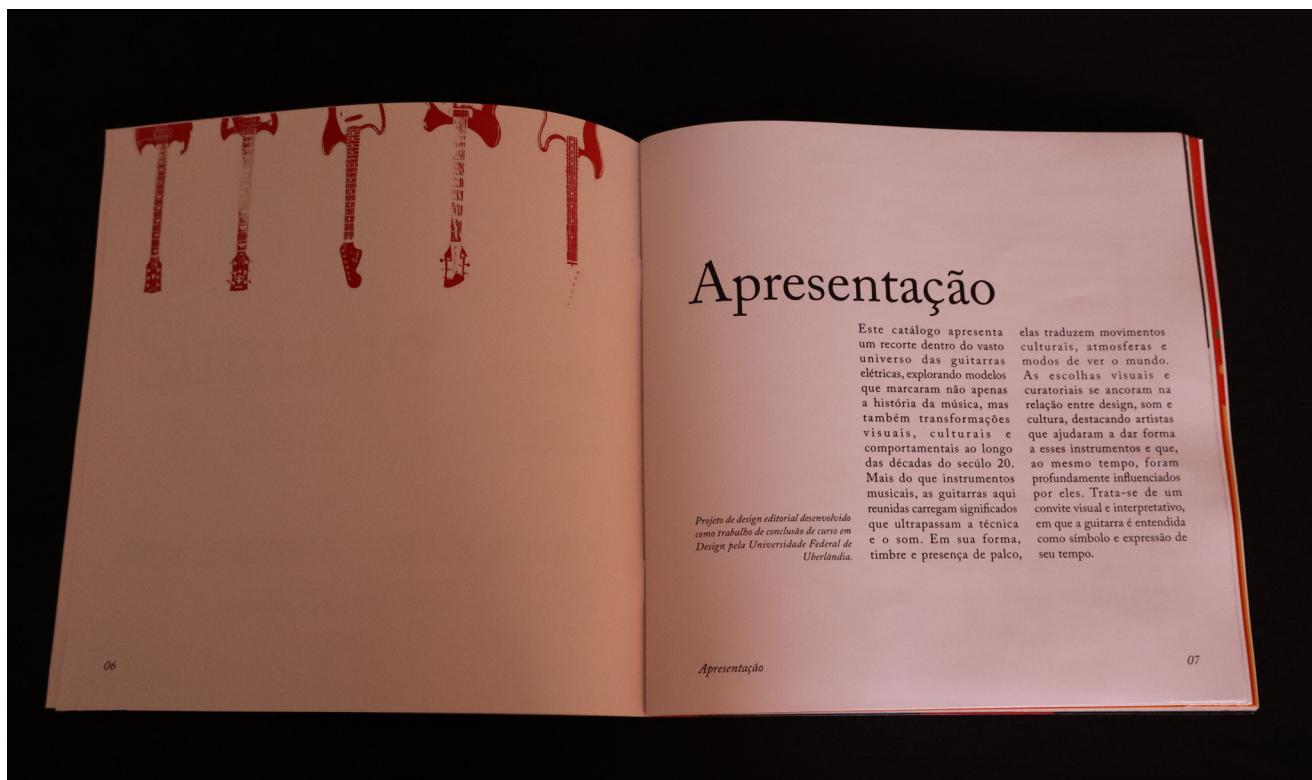
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



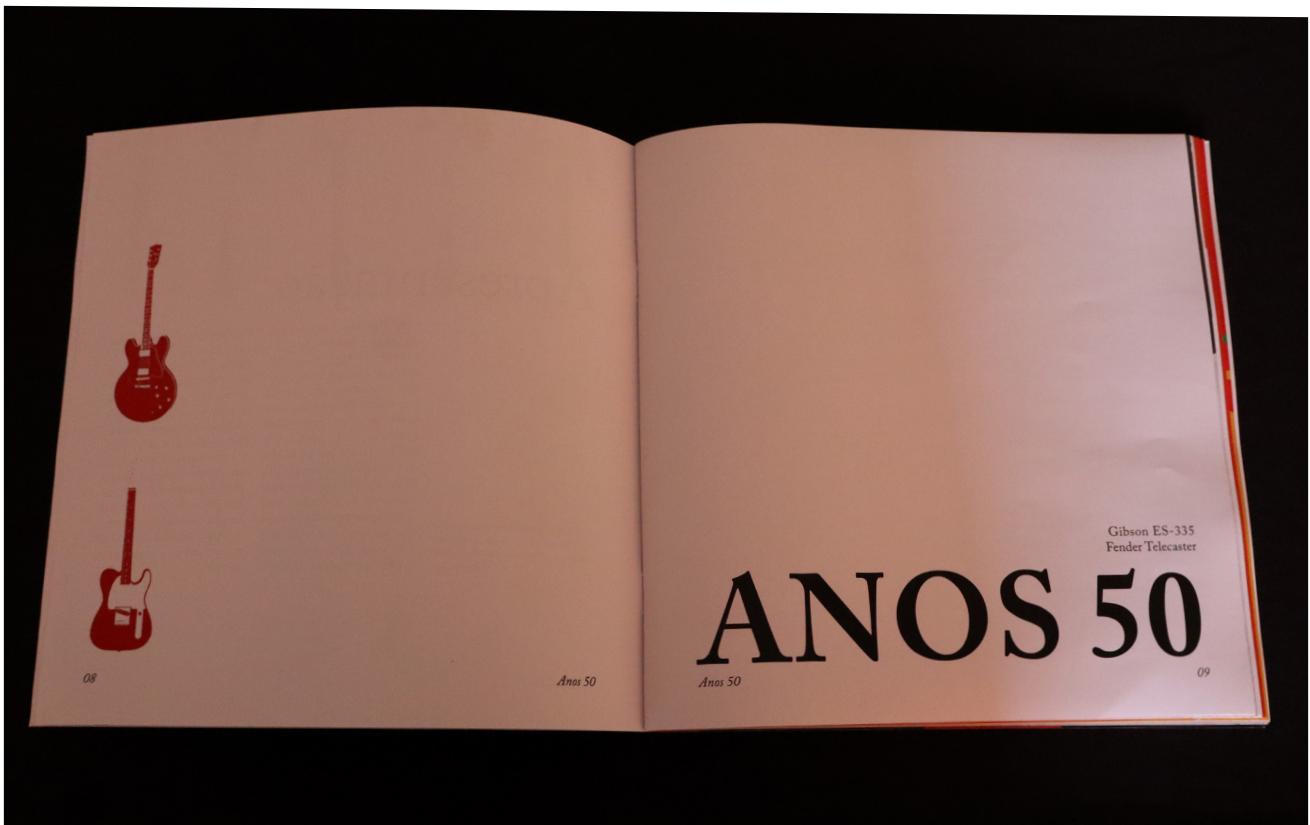
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



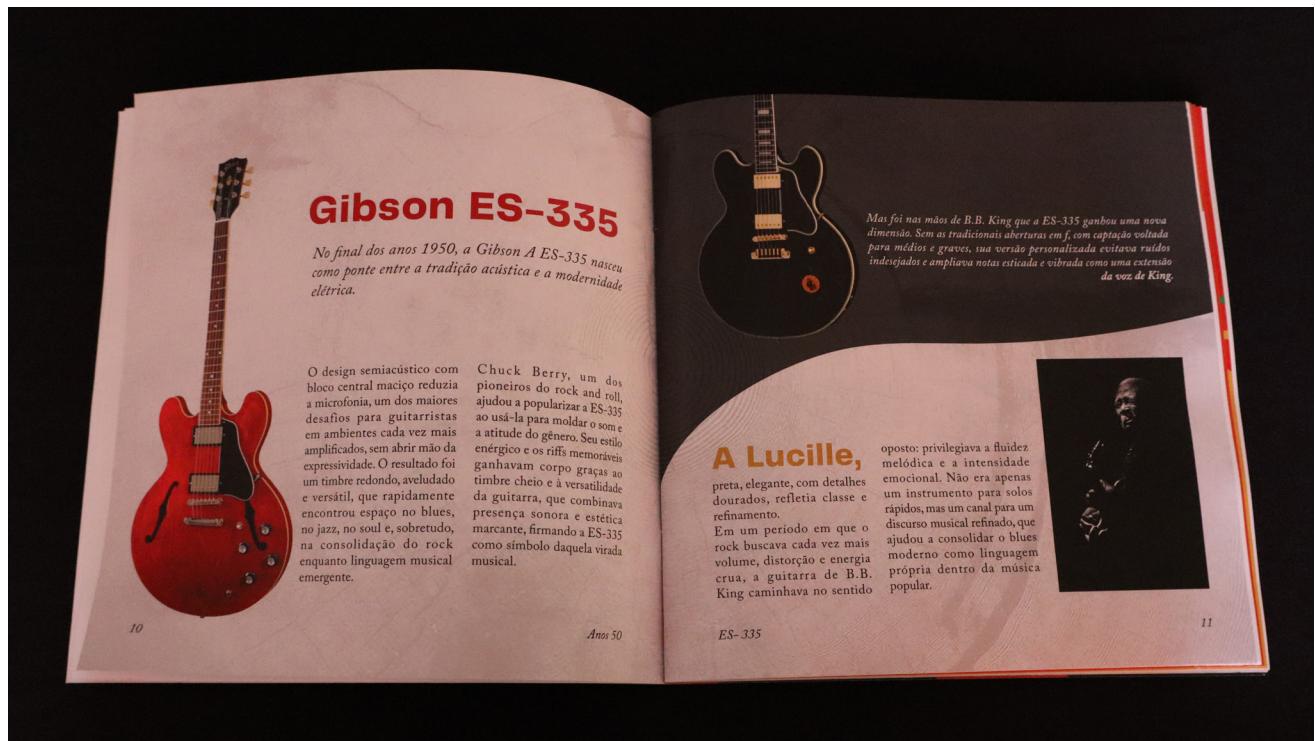
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



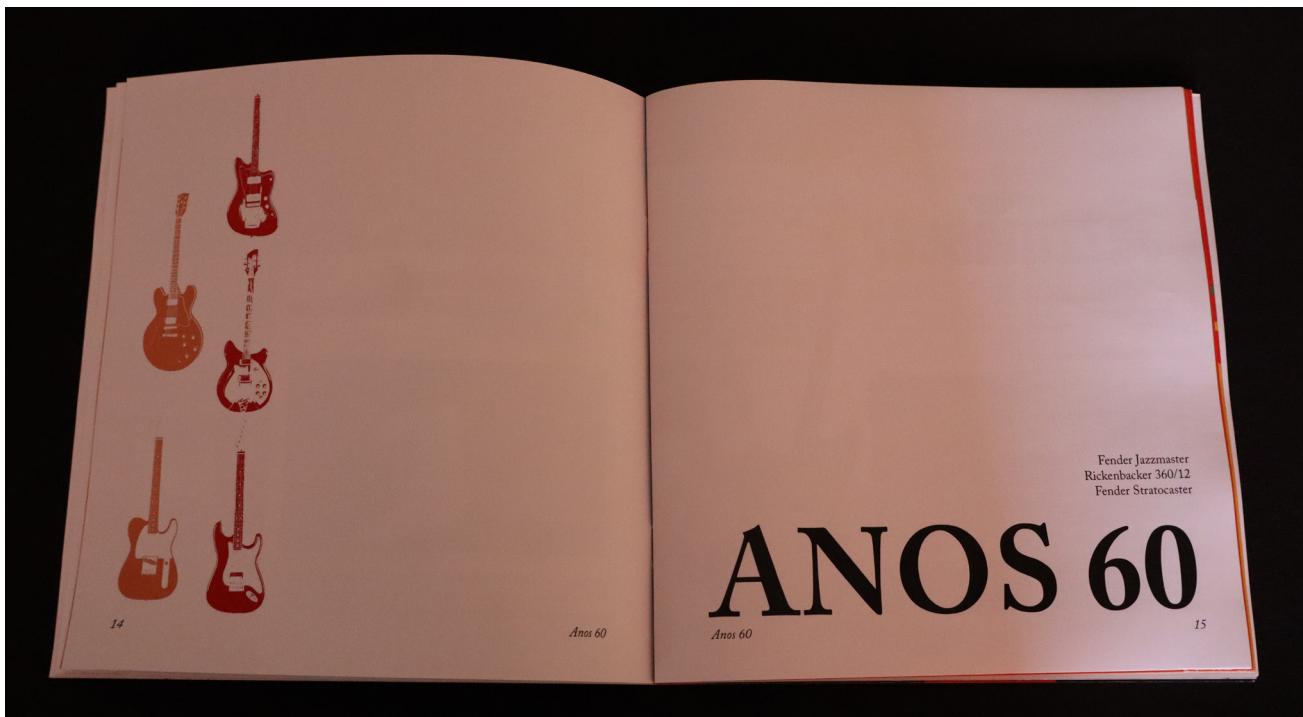
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.

que parecia acompanhar o movimento das ondas. O som metálico e cheio de reverberação, aliado ao tremolo característico do modelo, consolidou a Jazzmaster como um instrumento perfeito para atmosfera vibrante dos anos 60. Seu timbre cristalino cortava mixagens densas,

enquanto o corpo offset projetava conforto e leveza, ideal para longas sessões em pequenos clubes ou festivais ao ar livre. Visualmente, o escudo torto em tons de marrom e vermelho, combinado ao design assimétrico do corpo, rompia com a tradição das

linhas curvilíneas e polidas das guitarras clássicas. Havia algo de moderno e descontraído na Jazzmaster, que dialogava com a estética gráfica: **cartazes coloridos, tipografiasousadas, estampas geométricas e o otimismo da cultura jovem no pós-guerra.**

A Jazzmaster virou emblema do surf rock, refletindo a liberdade e a juventude que marcaram os anos 60.

Jazzmaster

17

Visualmente elegante e com acabamento característico em Fireglo, a Rickenbacker reforçava um rock sofisticado, urbano e melódico. George Harrison, com sua postura discreta, mas vanguardista, deu à guitarra uma função quase orquestral, não como instrumento de solo, mas como tecido sonoro que envolvia e sustentava a canção. Em vez de dominar o palco

com volume e distorção, ela propunha uma abordagem contemplativa e lírica, refletindo tanto o espírito da época quanto o perfil de Harrison. Por isso, permanece inscrita na história não apenas como uma inovação técnica, mas como símbolo de uma fase em que a guitarra se afirmou também como ferramenta de construção harmônica e imagética.

Mais do que um recurso sonoro, ela simbolizava uma transição histórica: do rock direto dos primeiros anos 60 para a psicodelia e os experimentos sensoriais que logo viriam.

Anos 60

360/12

19



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.

ENDES STRATOCRÁSTIC

Em meio a uma revolução estética, espiritual e política, a Stratocaster se tornou voz do caos e da beleza.

Lançada em 1954, a Fender Stratocaster surgiu como um marco definitivo no design de guitarras elétricas. Com um corpo assimétrico e esculpido, três captadores single-coil e uma ponte tremolo inovadora, ela foi pensada para oferecer conforto ergonômico e maior expressividade sonora. Seu desenho arrojado e funcional estabeleceu uma linguagem visual moderna para os instrumentos da época, diferente do apelo mais tradicional e robusto das concorrentes como a Les Paul. No campo sonoro, sua

principal característica está no som limpo e cristalino, com uma variedade tonal que vai do estalo agudo ao brilho suave, adaptando-se com facilidade a diferentes gêneros musicais. Mais do que um sucesso técnico e comercial, a Stratocaster tornou-se um ícone cultural. Seu formato leve, versátil e expressivo acompanhou as mudanças profundas da música popular a partir dos anos 60. A guitarra passou a ser símbolo de liberdade criativa, tornando-se uma extensão da identidade artística de quem a empunhava.

Anos 60

GEORGE HARRISON

Diferente da Rickenbacker 360/12, Harrison utilizou a Stratocaster em uma fase mais experimental dos Beatles. O modelo ficou eternizado como "Rocky", uma Strat customizada por ele com tinta esmalte colorida, reflexo direto da **estética psicodélica** que envolvia a banda em meados da década. Sua presença aparece em álbuns como Rubber Soul e Sgt. Pepper's, onde o timbre da guitarra

contribui para as paisagens sonoras suaves e abstratas das composições. A personalização visual da guitarra também traduz o momento em que o instrumento se torna parte do espetáculo gráfico-musical que os Beatles ajudaram a fundar. Aqui, a Strat é extensão sensorial de uma fase em que a arte pop, a música e a moda se misturavam em camadas.

21

Jimi Hendrix

Se a Stratocaster já simbolizava liberdade criativa, Hendrix levou isso a um novo patamar. No Monterey Pop Festival (1967), ele transformou a guitarra em um espetáculo ritual: pintou-a à mão com cores vibrantes e, ao final, incendiou o instrumento diante da platéia. Esse gesto não foi apenas performática, mas um manifesto, a guitarra como corpo vivo, sacrificado em nome da música e da

contracultura. Diferente de outros modelos que o acompanharam por anos, a chamada Monterey Strat teve vida curta, mas tornou-se imortal pela força simbólica de sua destruição. Hendrix mostrou que a Strat não era só uma ferramenta técnica: era extensão de sua própria energia, canalizando espiritualidade, erotismo e fúria em forma de som e imagem.

22

Depois de incendiar palcos e mentes no auge da psicodelia, a Stratocaster encontrou novos caminhos. Nas mãos de Clapton, tornou-se introspectiva e emocional; com Gilmour, assumiu dimensões quase cósmicas, expandindo o repertório da guitarra no rock.



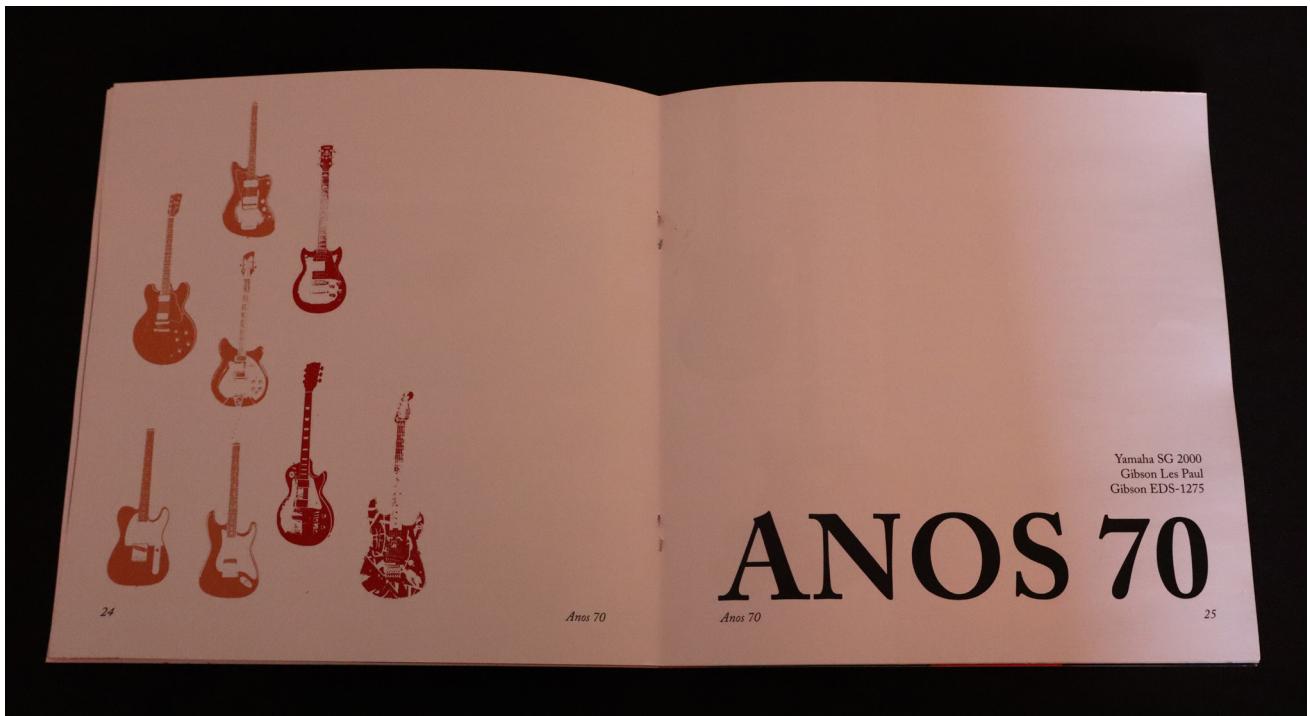
Em Eric Clapton, a Stratocaster encontrou um registro de intensidade contida e lírismo bluesy. Sem pirotecnia nem adereços, o foco estava no som e no gesto: dinâmica que respira, fraseado claro, ataques precisos. A partir de Derek and the Dominos e ao longo da carreira solo, Clapton explorou a articulação dos single-coils para um blues elétrico intenso

porém controlado, feito de notas limpas, bends firmes e vibratos calculados — em lugar da saturação lisérgica que dominava parte da época. Essa abordagem deu à Stratocaster outra identidade:

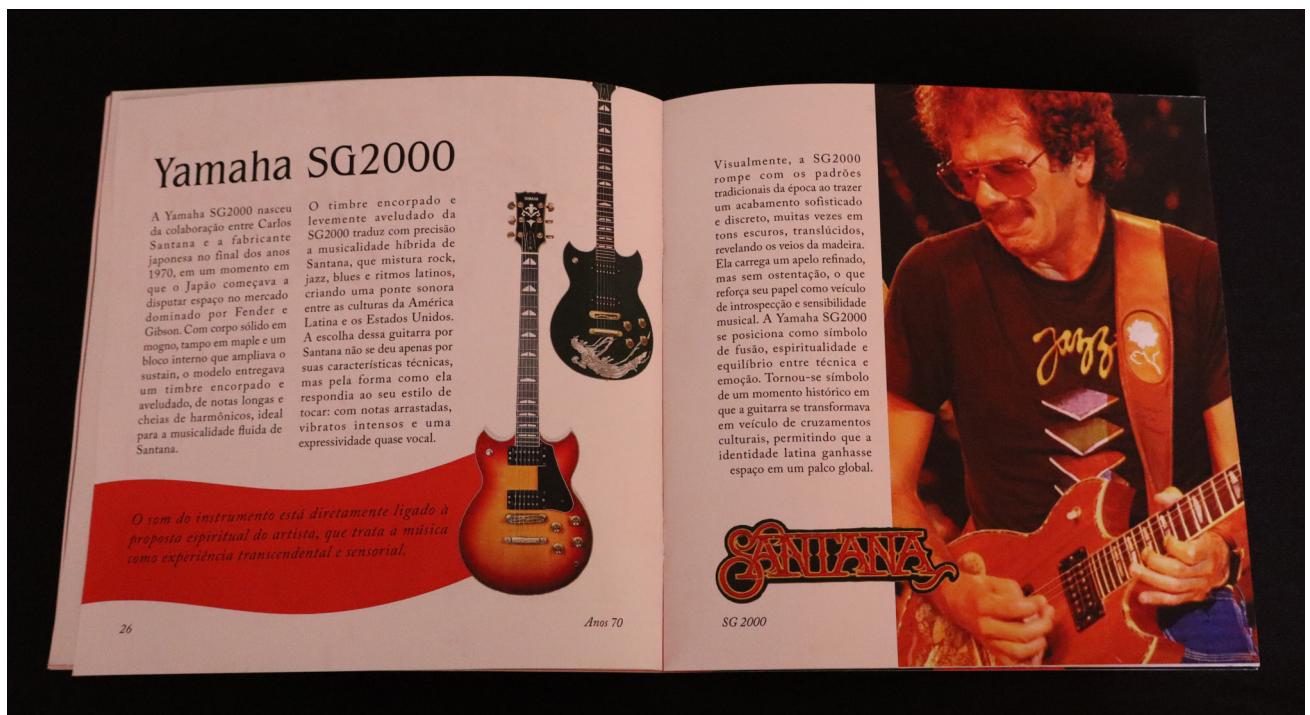
a de um instrumento capaz de traduzir vulnerabilidade e sensibilidade, sem depender de espetáculo visual. Nos anos 70, David Gilmour consolidou outra dimensão da Stratocaster: a da contemplação sonora. Com o Pink Floyd, usou a guitarra para construir atmosferas expansivas, recheadas de delays, reverbs e sutis modulações. Gilmour explorava a permanência: notas longas, solos etéreos, crescendos que pareciam abrir espaço no tempo. Ainda que herdasse o espírito libertário dos 60, sua abordagem apontava para uma sofisticação progressiva, onde a Strat servia como base para uma experiência quase cinematográfica. Em suas mãos, a Strat deixou de ser apenas voz da rebeldia para se tornar arquitetura de som.



23



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.

GIBSON LES PAUL

A Gibson Les Paul, lançada em 1952, tornou-se um dos modelos mais emblemáticos da história da guitarra elétrica.

Seu corpo sólido de mogno, com tampo de maple esculpido, conferia maior sustentação às notas e um timbre encorpado que a diferenciava dos modelos semiacústicos da época. Além de sua robustez sonora, o instrumento ganhou prestígio pelo visual sofisticado, com curvas arredondadas, acabamentos sunburst e detalhes metálicos que a transformaram em um símbolo de potência e elegância.

Ao longo das décadas, diferentes guitarristas contribuiriam para ressignificá-la: Les Paul, Jimmy Page, no Led Zeppelin, fez dela a marca definitiva do hard rock, com riffs pesados e

improvisos expansivos que ecoavam em mega shows lotados. Sua maneira de carregar o instrumento baixo no corpo se tornou uma imagem icônica, associada ao peso e à teatralidade de sua música. Peter Green, por outro lado, explorou o lado intímista da Les Paul dentro do blues britânico. Seu timbre particular, resultado de uma configuração elétrica incomum em sua guitarra, trouxe uma sonoridade melancólica e carregada de emoção, reafirmando o caráter expressivo do instrumento. Já nos anos 80, Slash resgatou essa aura clássica e a vinculou ao excesso e à rebeldia do hard rock, com riffs pesados e

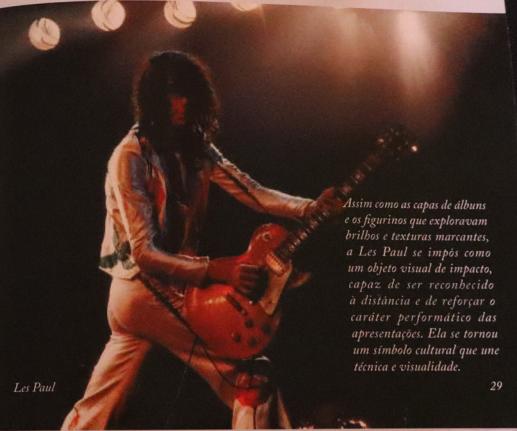
28

Anos 70

O som da Les Paul é marcado pelo sustain prolongado e pela densidade sonora dos captadores humbuckers, que reduzem ruidos e produzem um timbre quente e potente.

Essa combinação permitiu tanto os longos solos progressivos quanto os riffs monumentais que marcaram o rock dos anos 70. Seu design curvilíneo e luxuoso dialogava

visualmente com a estética da época, marcada por contrastes intensos, cores quentes e elementos que evocavam tanto sofisticação quanto crudeza.



Assim como as capas de álbuns e os figurinos que exploravam brilhos e texturas marcantes, a Les Paul se impôs como um objeto visual de impacto, capaz de ser reconhecido à distância e de reforçar o caráter performativo das apresentações. Ela se tornou um símbolo cultural que une técnica e visualidade.

29

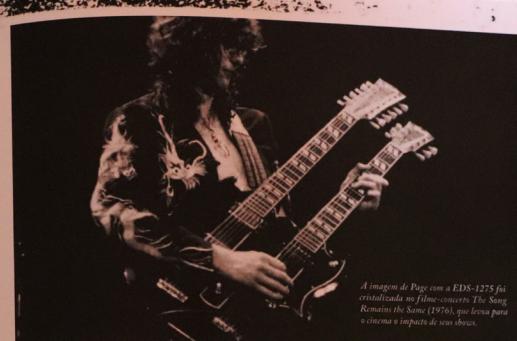
GIBSON EDS-1275

A Gibson EDS-1275, com seus dois braços inconfundíveis, é um dos exemplos mais claros de como a guitarra pode ultrapassar a técnica e se tornar espetáculo. Criada no início dos anos 60 e eternizada na década seguinte, ela permitiu ao músico alternar entre seis e doze cordas em pleno palco, unindo praticidade e ousadia sonora. O instrumento não era apenas solução técnica, mas um convite ao virtuosismo e à grandiosidade.

ESPECTÁCULO & GRANDEZA



Anos 70



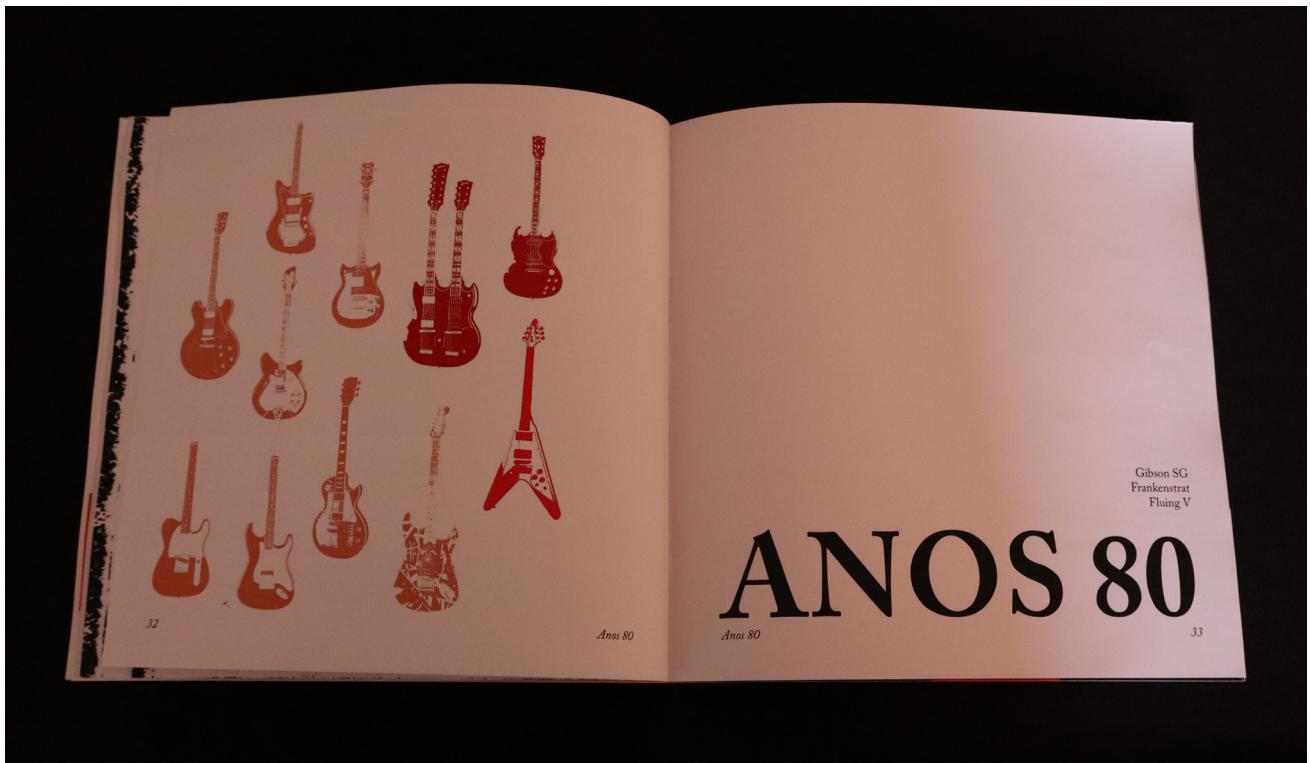
A imagem de Page com a EDS-1275 foi cristalizada no filme-concerto *The Song Remains the Same* (1976), que levou para o cinema o impacto de seu show.

O som reforçava essa teatralidade: o braço de seis cordas sustentava riffs pesados e densos, enquanto o de doze acrescentava camadas harmônicas etéreas, criando um contraste que expandia a experiência ao vivo. Nas arenas lotadas dos anos 70, a guitarra condensava peso e delicadeza,

clareza e excesso, impondo-se como protagonista tanto para os ouvidos quanto para os olhos. Seu design dialogava diretamente com a estética do rock da época: palcos grandiosos, capas de discos que exploravam o surreal, figurinos exagerados. A EDS-1275

não era apenas tocada, era exibida e contemplada, parte inseparável da dramaturgia do show. Por isso, ficou marcada não só pelo timbre, mas pelo impacto visual e simbólico de cada aparição.

EDS-1275



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.

Gibson SG

A Gibson SG surgiu em 1961 como uma resposta ousada da marca a um mercado que buscava instrumentos mais leves, acessíveis e agressivos do que a tradicional Les Paul. O corpo fino, os cortes duplos e pontiagudos e a cor vermelha reluzente deram ao modelo uma identidade única: simples na construção, mas carregada de presença visual. Seus "chifres" logo se tornaram um símbolo, evocando tanto irreverência quanto uma conotação quase diabólica, imagem frequentemente alinhada ao rock que começava a se tornar mais pesado e

performático. Foi justamente essa imagem que encontrou nas mãos de Angus Young, do AC/DC, sua maior força. Pequeno em estatura, mas colossal em palco. Ele fez da guitarra não apenas um instrumento, mas um ícone visual inesparável da identidade da banda.

Os "chifres" da SG reforçavam a teatralidade do uniforme escolar e dialogavam com capas de álbuns como High Voltage e Highway to Hell, onde a rebeldia e a provocação eram parte fundamental do espetáculo.

O som da SG acompanhava essa atitude com perfeição. Seus captadores humbuckers ofereciam um timbre encorpado e agressivo, com médios que cortavam a mix e uma distorção quente, pronta para sustentar riffs simples e diretos, mas cheios de impacto. Era a junção ideal entre praticidade e força: leve o suficiente para suportar longas performances sem cansar o guitarrista, poderosa o bastante para se impor diante de plateias cada vez maiores nos anos 70 e 80.

O vermelho brilhante, os contornos agressivos e os chifres pontiagudos ressoavam nas luzes dos palcos, nos figurinos e nas capas de disco, reafirmando que o rock era tão visual quanto musical. Ela se tornou um emblema do hard rock em sua forma mais pura: direta, elétrica, provocativa.

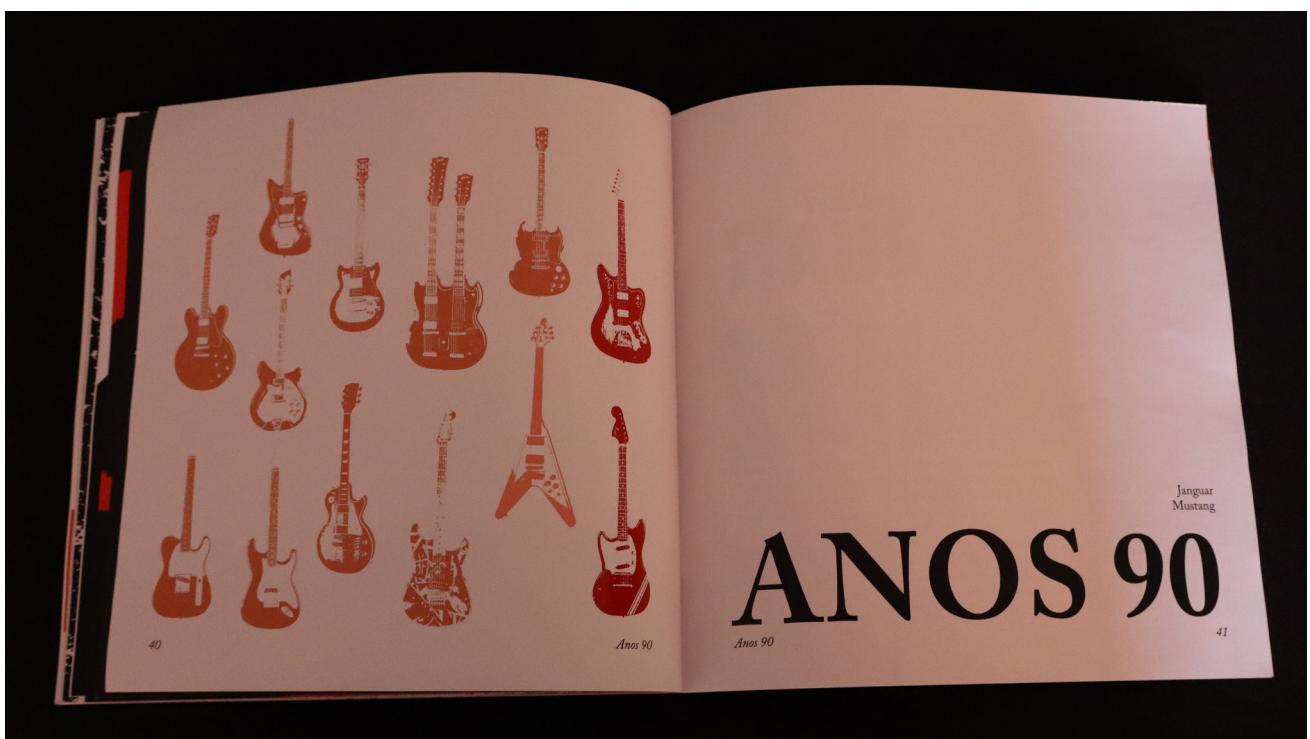
35



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



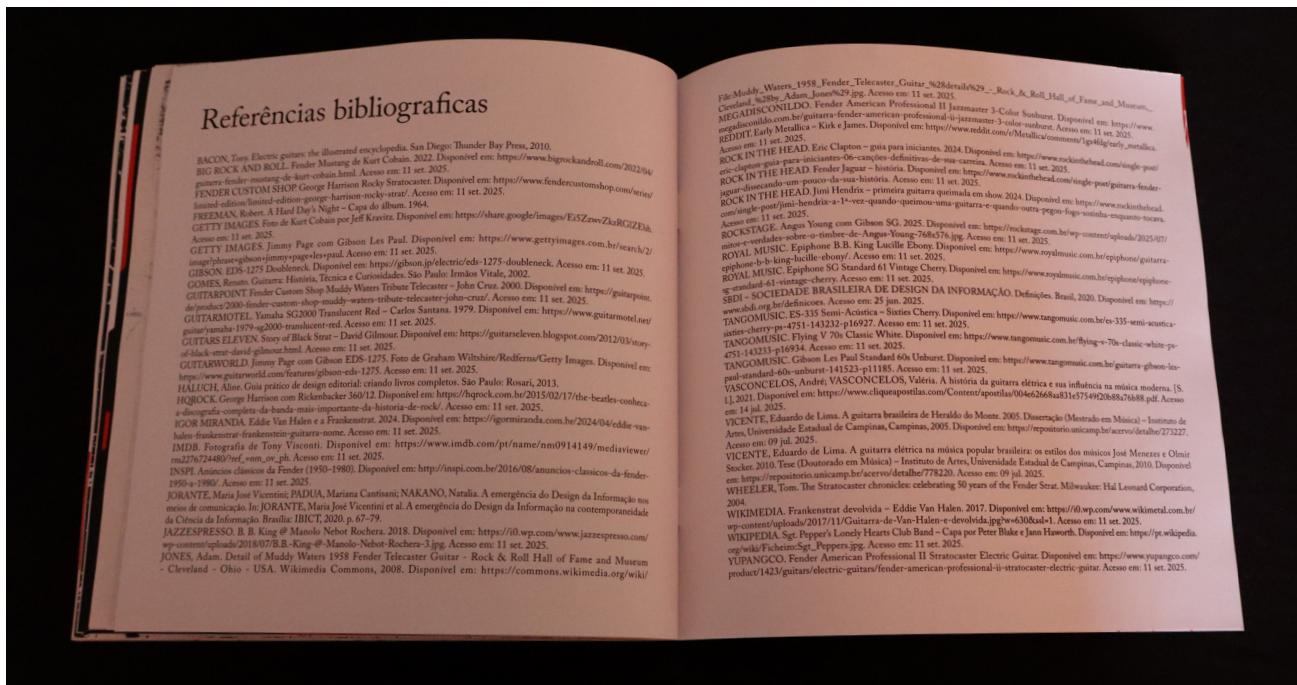
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



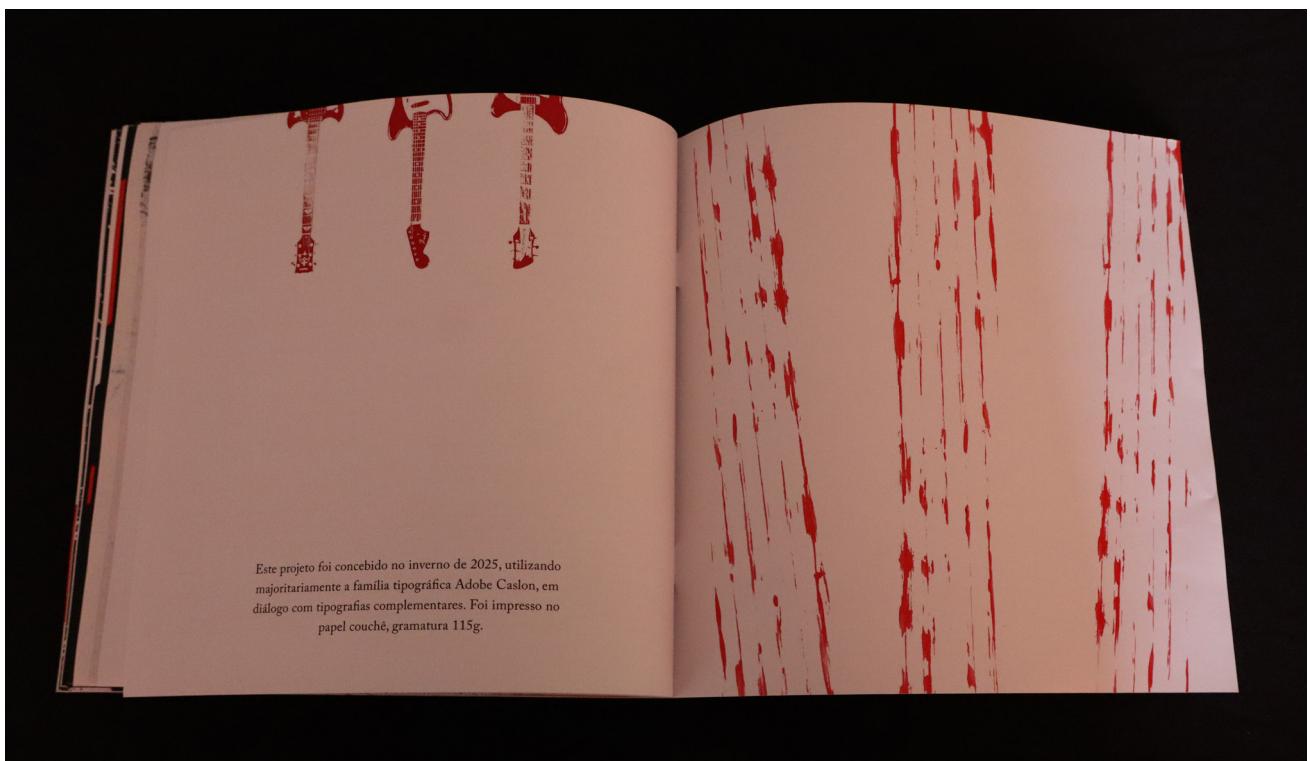
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



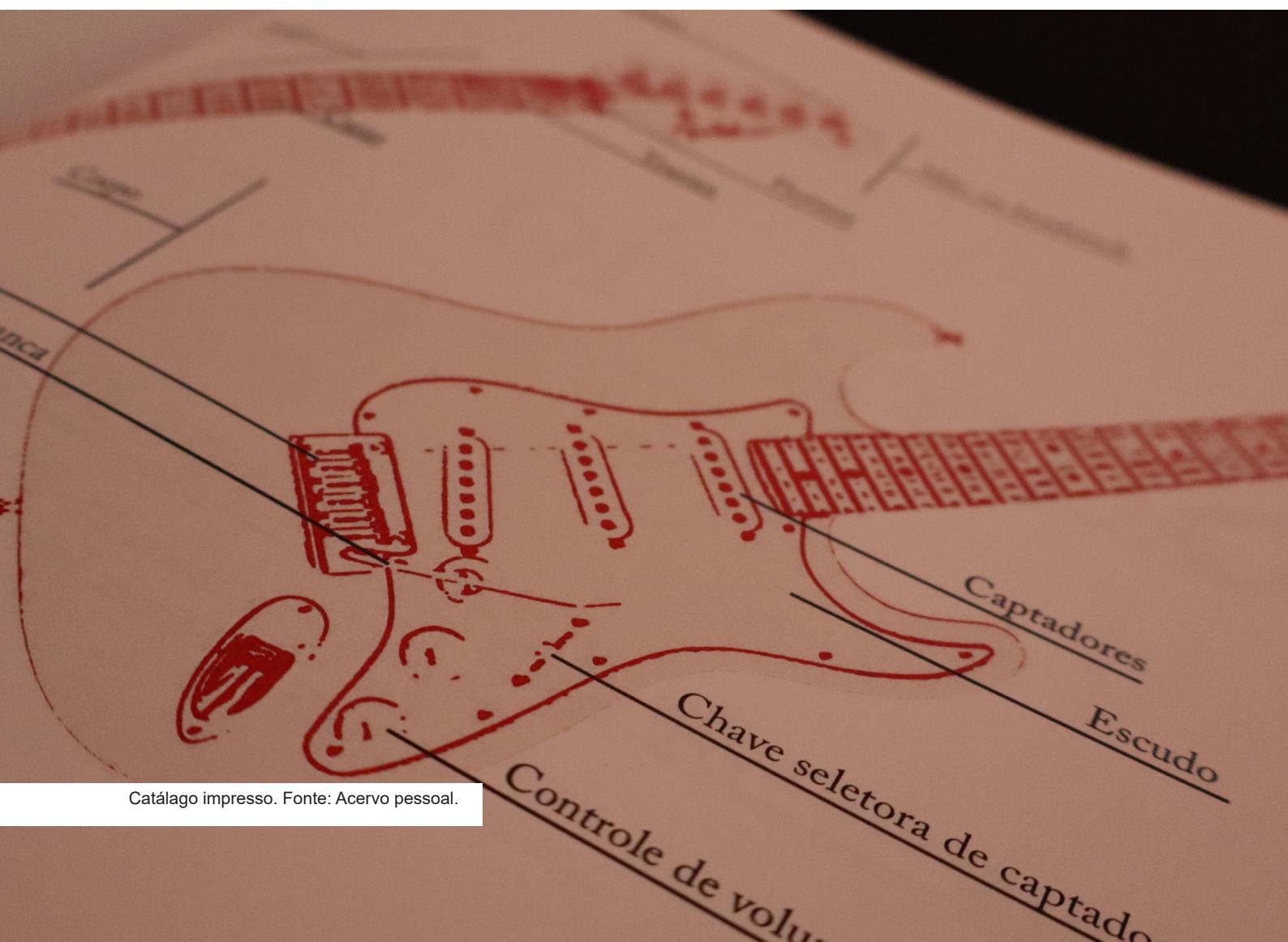
Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.



Catálogo impresso. Fonte: Acervo pessoal.

Wendrix



ESPETÁCULO & GRANDEZA

Meus primeiros shows de autônomos de amanhã, os explosões de Page, também um gênio visionário, como uma extensão de sua aura enigmática, quase ritual, e o duplo braço projetava a sensação de que estávamos diante de algo irreal, mais escultura luminosa do que instrumento musical.

ESPET

Catálogo impr

SG

informático.
foi justamente essa imagem
encontrou nas mãos de
Young, do AC/DC,
e força. Pequeno
mas colossal em
tamanho, a guitarra não
faltava em palco, mas
também era usada

O som da SG acompanhava essa atitude com perfeição. Seus captadores humbuckers ofereciam um timbre encorpado e agressivo, com médios que cortavam a mix e uma distorção quente, pronta para sustentar riffs simples e diretos. Era a junção ideal entre praticidade e força: leve o suficiente para suportar longas performances sem cansar o guitarrista, poderosa o bastante para se impor diante de plateias cada vez maiores nos anos 70 e 80.

O vermelho brilhante, os contornos agressivos e os chifres pontiagudos ressoavam nas luzes dos palcos, nos figurinos e nas capas de disco, reafirmando que o rock era tão visual quanto musical. Era se tornar um emblema do hard rock em sua forma direta, elétrica, provocativa.

FENDER JAGUAR

A Fender Jaguar surgiu em 1962 como uma evolução da Jazzmaster, com corpo offset semelhante, mas trazendo novas propostas técnicas e estéticas. Sua escala curta de 24 polegadas favorecia uma pegada rápida e agressiva, enquanto o sistema de captadores e chaveamento complexo possibilitava timbres cortantes, com chiaios e ruidos que a distanciavam das sementes dominantes. Fazia imediatamente sentir-se, já trazia um design pouco convencional. Foi apenas sua aparência que a Jaguar encontrou seu definitivo, quando Cobain a transformou em parte essencial da sua grunge.

ASTRONOMIA
MATERIAIS
DESIGN
ARTE
MÚSICA
CULTURA
LITERATURA
CINEMA
TEATRO
MÚSICA
LITERATURA
CINEMA
TEATRO

8. Conclusão

O desenvolvimento deste catálogo representou a síntese entre pesquisa, curadoria e design, articulando texto e imagem de forma a transformar o editorial em uma narrativa visual, e não apenas em um suporte estético. A proposta buscou valorizar a guitarra elétrica que, além instrumento musical, é capaz de refletir transformações sociais, comportamentais e visuais ao longo das décadas.

O valor deste trabalho está justamente em seu caráter experimental e acadêmico, explorando a relação entre música, cultura visual e design da informação. Essa abordagem permitiu repensar o papel do projeto editorial como espaço interpretativo, capaz de dar forma gráfica a atmosferas sonoras e contextos históricos.

Reconheço, contudo, as ausências que o projeto apresenta. Diversos modelos e gêneros musicais importantes não foram incluídos, assim como o recorte brasileiro, que chegou a ser considerado em etapas iniciais. Essas escolhas foram conscientes e necessárias para manter a coerência narrativa, respeitando o recorte definido desde o início e garantindo foco na proposta central.

Mais do que funcionar como uma enciclopédia, o catálogo pretende oferecer uma leitura sensível desse cenário, mostrando como a guitarra pode ser observada sob a ótica do design, e ser uma forma de comunicação visual. Nesse sentido, o projeto convida a perceber o instrumento como um artefato em constante transformação, capaz de traduzir épocas, movimentos e identidades de maneira única.

9. Referências

- BACON, Tony. Electric guitars: the illustrated encyclopedia. San Diego: Thunder Bay Press, 2010.
- BIG ROCK AND ROLL. Fender Mustang de Kurt Cobain. 2022. Disponível em: <https://www.bigrockandroll.com/2022/04/guitarra-fender-mustang-de-kurt-cobain.html>. Acesso em: 11 set. 2025.
- FENDER CUSTOM SHOP. George Harrison Rocky Stratocaster. Disponível em: <https://www.fendercustomshop.com/series/limited-edition/limited-edition-george-harrison-rocky-strat/>. Acesso em: 11 set. 2025.
- FREEMAN, Robert. A Hard Day's Night – Capa do álbum. 1964.
- GETTY IMAGES. Foto de Kurt Cobain por Jeff Kravitz. Disponível em: <https://share.google/images/Ei5ZzwvZkzRGIZEhh>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GETTY IMAGES. Jimmy Page com Gibson Les Paul. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=gibson+jimmy+page+les+paul>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GIBSON. EDS-1275 Doubleneck. Disponível em: <https://gibson.jp/electric/eds-1275-doubleneck>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GOMES, Renato. Guitarra: História, Técnica e Curiosidades. São Paulo: Irmãos Vitale, 2002.
- GUITARPOINT. Fender Custom Shop Muddy Waters Tribute Telecaster – John Cruz. 2000. Disponível em: <https://guitarpoint.de/product/2000-fender-custom-shop-muddy-waters-tribute-telecaster-john-cruz/>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GUITARMOTEL. Yamaha SG2000 Translucent Red – Carlos Santana. 1979. Disponível em: <https://www.guitarmotel.net/guitar/yamaha-1979-sg2000-translucent-red>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GUITARS ELEVEN. Story of Black Strat – David Gilmour. Disponível em: <https://guitarseven.blogspot.com/2012/03/story-of-black-strat-david-gilmour.html>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GUITARWORLD. Jimmy Page com Gibson EDS-1275. Foto de Graham Wiltshire/Redferns/Getty Images. Disponível em: <https://www.guitarworld.com/features/gibson-eds-1275>. Acesso em: 11 set. 2025.
- HALUCH, Aline. Guia prático de design editorial: criando livros completos. São Paulo: Rosari, 2013.
- HQROCK. George Harrison com Rickenbacker 360/12. Disponível em: <https://hqrock.com.br/2015/02/17/the-beatles-conheca-a-discografia-completa-da-banda-mais-importante-da-historia-de-rock/>. Acesso em: 11 set. 2025.

IGOR MIRANDA. Eddie Van Halen e a Frankenstrat. 2024. Disponível em: <https://igormiranda.com.br/2024/04/eddie-van-halen-frankenstrat-frankenstein-guitarra-nome>. Acesso em: 11 set. 2025.

IMDB. Fotografia de Tony Visconti. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/nm0914149/mediaviewer/rm2276724480/?ref_=nm_ov_ph. Acesso em: 11 set. 2025.

INSPi. Anúncios clássicos da Fender (1950–1980). Disponível em: <http://inspi.com.br/2016/08/anuncios-classicos-da-fender-1950-a-1980/>. Acesso em: 11 set. 2025.

JORANTE, Maria José Vicentini; PADUA, Mariana Cantisani; NAKANO, Natalia. A emergência do Design da Informação nos meios de comunicação. In: JORANTE, Maria José Vicentini et al. A emergência do Design da Informação na contemporaneidade da Ciência da Informação. Brasília: IBICT, 2020. p. 67–79.

JAZZESPRESSO. B. B. King @ Manolo Nebot Rochera. 2018. Disponível em: <https://i0.wp.com/www.jazzespresso.com/wp-content/uploads/2018/07/B.B.-King-@-Manolo-Nebot-Rochera-3.jpg>. Acesso em: 11 set. 2025.

JONES, Adam. Detail of Muddy Waters 1958 Fender Telecaster Guitar - Rock & Roll Hall of Fame and Museum - Cleveland - Ohio - USA. Wikimedia Commons, 2008. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Muddy_Waters_1958_Fender_Telecaster_Guitar_%28details%29_-_Rock_&_Roll_Hall_of_Fame_and_Museum,_Cleveland_%28by_Adam_Jones%29.jpg. Acesso em: 11 set. 2025.

MEGADISCONILDO. Fender American Professional II Jazzmaster 3-Color Sunburst. Disponível em: <https://www.megadisconildo.com.br/guitarra-fender-american-professional-ii-jazzmaster-3-color-sunburst>. Acesso em: 11 set. 2025.

REDDIT. Early Metallica – Kirk e James. Disponível em: https://www.reddit.com/r/Metallica/comments/1gx4fdg/early_metallica. Acesso em: 11 set. 2025.

ROCK IN THE HEAD. Eric Clapton – guia para iniciantes. 2024. Disponível em: <https://www.rockinthehead.com/single-post/eric-clapton-guia-para-iniciantes-06-canções-definitivas-de-sua-carreira>. Acesso em: 11 set. 2025.

ROCK IN THE HEAD. Fender Jaguar – história. Disponível em: <https://www.rockinthehead.com/single-post/guitarra-fender-jaguar-dissecando-um-pouco-da-sua-história>. Acesso em: 11 set. 2025.

ROCK IN THE HEAD. Jimi Hendrix – primeira guitarra queimada em show. 2024. Disponível em: <https://www.rockinthehead.com/single-post/jimi-hendrix-a-1ª-vez-quando-queimou-uma-guitarra-e-quando-outra-pegou-fogo>.

- sozinha-enquanto-tocava. Acesso em: 11 set. 2025.
- ROCKSTAGE. Angus Young com Gibson SG. 2025. Disponível em: <https://rockstage.com.br/wp-content/uploads/2025/07/mitos-e-verdades-sobre-o-timbre-de-Angus-Young-768x576.jpg>. Acesso em: 11 set. 2025.
- ROYAL MUSIC. Epiphone B.B. King Lucille Ebony. Disponível em: <https://www.royalmusic.com.br/epiphone/guitarra-epiphone-b-b-king-lucille-e-bony/>. Acesso em: 11 set. 2025.
- ROYAL MUSIC. Epiphone SG Standard 61 Vintage Cherry. Disponível em: <https://www.royalmusic.com.br/epiphone/epiphone-sg-standard-61-vintage-cherry>. Acesso em: 11 set. 2025.
- SBDI – SOCIEDADE BRASILEIRA DE DESIGN DA INFORMAÇÃO. Definições. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.sbdi.org.br/definicoes>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- TANGOMUSIC. ES-335 Semi-Acústica – Sixties Cherry. Disponível em: <https://www.tangomusic.com.br/es-335-semi-acustica-sixties-cherry-ps-4751-143232-p16927>. Acesso em: 11 set. 2025.
- TANGOMUSIC. Flying V 70s Classic White. Disponível em: <https://www.tangomusic.com.br/flying-v-70s-classic-white-ps-4751-143233-p16934>. Acesso em: 11 set. 2025.
- TANGOMUSIC. Gibson Les Paul Standard 60s Unburst. Disponível em: <https://www.tangomusic.com.br/guitarra-gibson-les-paul-standard-60s-unburst-141523-p11185>. Acesso em: 11 set. 2025.
- VASCONCELOS, André; VASCONCELOS, Valéria. A história da guitarra elétrica e sua influência na música moderna. [S. I.], 2021. Disponível em: <https://www.cliqueapostilas.com/Content/apostilas/004e62668aa831e-57549f20b88a76b88.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- VICENTE, Eduardo de Lima. A guitarra brasileira de Heraldo do Monte. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/273227>. Acesso em: 09 jul. 2025.
- VICENTE, Eduardo de Lima. A guitarra elétrica na música popular brasileira: os estilos dos músicos José Menezes e Olmir Stocker. 2010. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/778220>. Acesso em: 09 jul. 2025.
- WHEELER, Tom. The Stratocaster chronicles: celebrating 50 years of the Fender Strat. Milwaukee: Hal Leonard Corporation, 2004.
- WIKIMEDIA. Frankenstrat devolvida – Eddie Van Halen. 2017. Disponível em: <https://i0.wp.com/www.wikimetal.com.br/wp-content/uploads/2017/11/Guitarra-de-Van-Halen-e-devolvida.jpg?w=630&ssl=1>. Acesso em: 11 set. 2025.

WIKIPEDIA. Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band – Capa por Peter Blake e Jann Haworth. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sgt_Peppers.jpg. Acesso em: 11 set. 2025.

YUPANGCO. Fender American Professional II Stratocaster Electric Guitar. Disponível em: <https://www.yupangco.com/product/1423/guitars/electric-guitars/fender-american-professional-ii-stratocaster-electric-guitar>. Acesso em: 11 set. 2025.